

VIRGINIA

CLÁUDIA ABREU

*DIREÇÃO AMIR HADDAD / CODIREÇÃO MALU VALLE
TEXTO CLÁUDIA ABREU*

VIRGINIA é um espetáculo solo, inspirado na vida e na obra de Virginia Woolf, a escritora inglesa que se tornou uma das grandes vozes femininas da literatura mundial.

A dramaturgia foi concebida como inventário íntimo da vida da autora. Em seus últimos momentos, Virginia rememora marcantes acontecimentos em sua vida, sua paixão pelo conhecimento, os momentos felizes com os queridos amigos do grupo intelectual de Bloomsbury, além de revelar seus afetos, suas dores e seu processo criativo.

A estrutura dramática apoia-se no recurso mais característico da literatura de Virginia: a alternância de fluxos de consciência, capaz de “dar corpo” às vozes reais ou fictícias, sempre presentes em sua brilhante e perturbada mente. Assim, tanto na vida real quanto na criação literária, as personagens surgem de sua memória ou de suas alucinações.

Em sua carta de despedida ao marido Leonard Woolf, Virginia expressa lucidez em relação à sua doença, o enorme tormento causado pelas incessantes vozes em sua cabeça, que a impediam de se concentrar na leitura e na escrita. Um limite emocional e existencial que resultou em seu trágico suicídio.

“Meu querido,

Estou ficando louca, tenho certeza. Não podemos reviver aquela época horrível. Estou começando a ouvir vozes e não consigo me concentrar. Então estou fazendo o que acho ser o melhor. Você me deu a melhor felicidade possível. Você foi, em todos os pontos, o melhor dos homens. Não acho que duas pessoas pudessem ter sido mais felizes até a chegada desta terrível doença. Não consigo mais lutar, sei que estou estragando a sua vida, sei que sem mim você poderia trabalhar. Você poderia, eu sei disso. Você vê, nem isso eu estou conseguindo escrever direito. Não consigo ler. O que eu quero dizer é que lhe devo toda a felicidade da minha vida. Você foi incrivelmente paciente comigo e incrivelmente bom. Faço questão de dizê-lo. Todo mundo sabe disso. Se alguém poderia ter me salvado, teria sido você. Tudo me abandonou, exceto a certeza de sua bondade. Não posso continuar desperdiçando a sua vida. Não acho que duas pessoas pudessem ter sido mais felizes do que nós.”

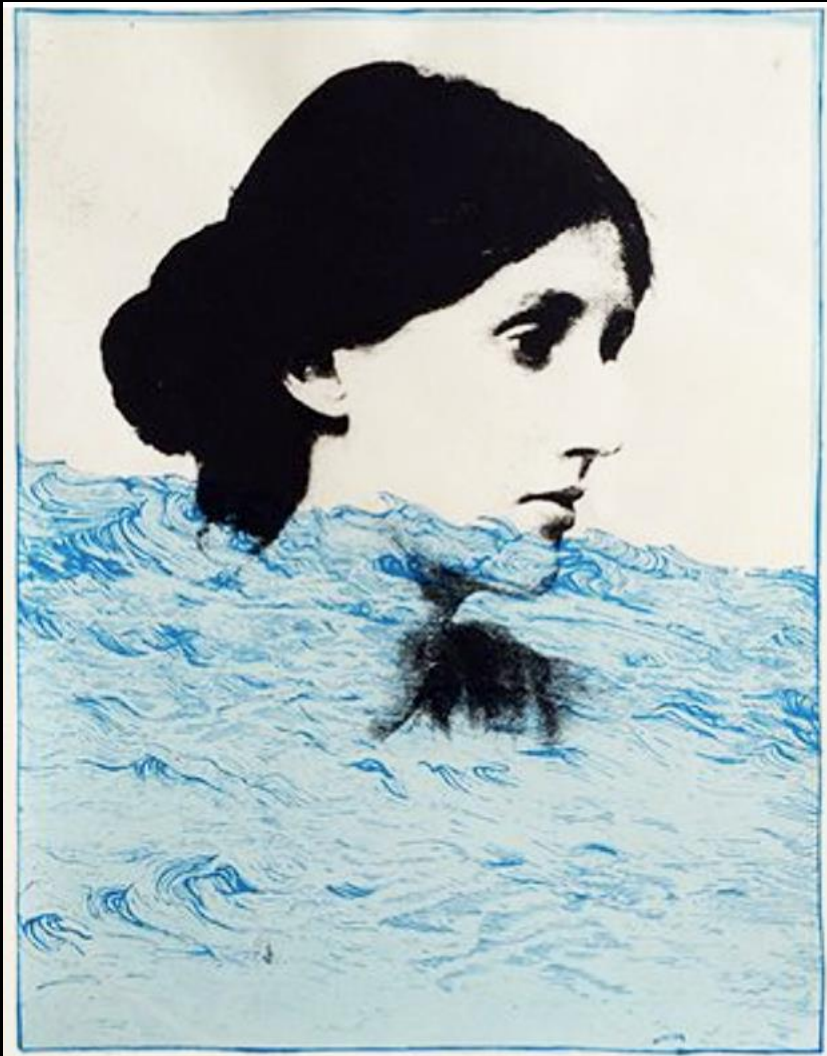
Virginia Woolf



“Minha querida Virginia,

Minha relação com sua literatura começou aos dezoito anos, quando encenei no teatro uma adaptação de seu romance “Orlando”. Como eu era muito jovem, talvez não tenha tido o entendimento total da profundidade da obra, mas me lembro de achá-la bastante moderna para a época em que foi escrita. Era surpreendente o questionamento simbólico acerca das questões de gênero ali presentes, principalmente por se tratar da primeira metade do século XX. Uma escritora *avant la lettre*.

Meu reencontro com você, Virginia, aconteceu de maneira fulminante há alguns anos. Eu comecei a me aventurar na escrita e conheci uma professora de literatura que auxiliava escritores com seu olhar sofisticado, além de sugerir valiosas referências literárias. Divagando entre uma aula e outra, eu disse a ela que tinha vontade de escrever sobre uma história que tivesse uma fluência no tempo coexistente, eu queria que as personagens passassem pelas várias fases da vida, que dialogassem com elas mesmas no passado, assim como no futuro.



Fluxo de consciência, essa era chave. Assim eu poderia viajar em todas as mentes, por todas as fases da existência. E qual foi a minha surpresa? Você tinha revolucionado a literatura alternando os fluxos de consciência de forma brilhante!

Imaginei um encontro fictício nosso, quando lhe contaria impressões de minhas leituras, falaria de como sua sensível e aguda percepção da realidade me iluminava, o quanto sua personalidade extraordinariamente singular me inspirava. Li suas biografias, seus diários, suas memórias. E descobri algo que me parecia impossível: sua vida era tão interessante quanto sua literatura. Como sobreviveu, tendo os nervos tão frágeis, a tantas tragédias familiares, às depressões, às violações à sua sensibilidade? Ainda hoje me compadeço de suas angustiantes crises nervosas.

O desejo de reviver sua existência no teatro foi um processo natural.

Desde então, todos os caminhos me levaram a você, Virginia.

Passei os últimos anos dedicada à tarefa de tentar fazer um recorte potente e amoroso de sua vida.

Espero que goste.

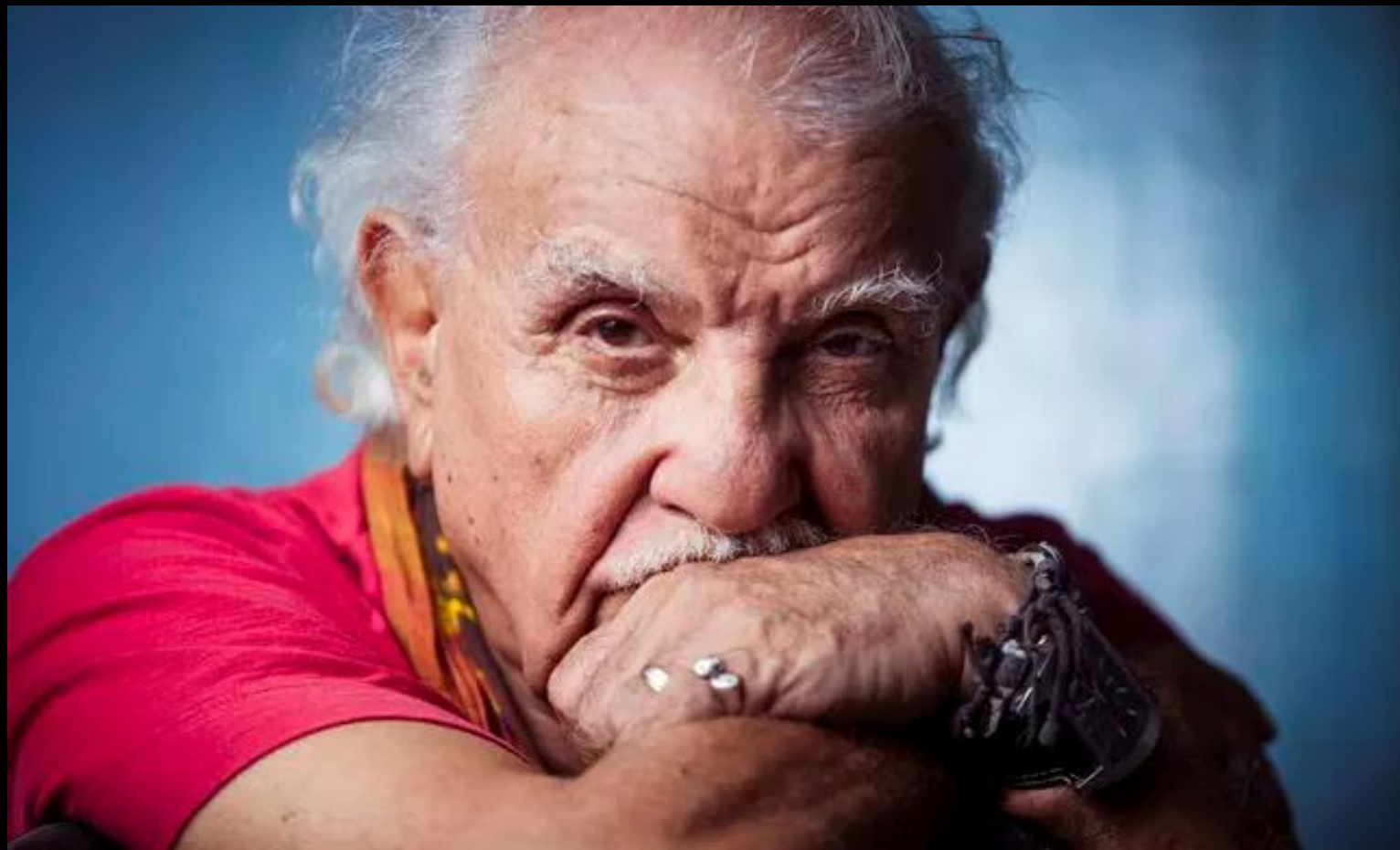
Com carinho,

Cláudia.”

“Virginia” reúne artistas desde sempre comprometidos
com a arte teatral no Brasil.

DIREÇÃO
AMIR HADDAD

Um dos mais importantes diretores brasileiros, Amir Haddad revolucionou sua experiência teatral ao criar, em 1980, o grupo “Tá na Rua”. Ainda ativo aos 84 anos, sua biografia inclui dezenas de prêmios e também trabalhos como ator e teatrólogo. Sua capacidade de transitar entre o teatro tradicional e o popular o tornou conhecido internacionalmente e uma presença constante em festivais mundo afora.





CO DIRETORA

MALU VALLE

Malu Valle é atriz, cantora, professora, e diretora de teatro.

Estreou na direção com “Infraturas”, o primeiro espetáculo dos atores Paulo Gustavo e Fábio Porchat. Dirigiu a COMPANHIA TERRA DE TEATRO que em 2012 representou a CAL na Rio+20, com o espetáculo teatral musical “TERRA”.

Participou como atriz de muitos espetáculos, ente eles: “Pixinguinha” e “Noite de Reis”, dirigidos por Amir Haddad, “Ventania” e “Torre de Babel”, direção de Gabriel Vilella, “Desgraças de uma Criança”, direção de Wolf Maya, “Nada de Pânico”, direção de Enrique Diaz, “Mente Mentira”, direção de Paulo de Moraes, pelo qual foi indicada como Melhor Atriz Coadjuvante no Prêmio APTR no Rio de Janeiro, em 2011.

Na televisão, atuou em inúmeros programas, entre novelas e seriados, destacando: “Senhora do Destino”, “Chocolate com Pimenta”, “Malhação”, “Tempo de Amar”, “Filhos da Pátria”, “Filhos de Eva”. No canal Gloob, interpretou a Dona Márcia no sucesso “Valentins”, personagem escrito por Cláudia Abreu especialmente para ela.



CLÁUDIA ABREU

AUTORA E ATRIZ

Cláudia Abreu iniciou sua carreira em 1986 participando da montagem de “O Despertar da primavera”, de Frank Wedekind, com direção de Cacá Mourthé; em 1991 integrou o elenco de “Um certo Hamlet”, de Shakespeare, com direção de Antônio Abujamra, recebendo uma indicação ao prêmio Molière de melhor atriz no papel de Hamlet; em 1997 atuou em “Noite de Reis”, de Shakespeare, com direção de Amir Haddad, trabalho que lhe rendeu o Prêmio Sharp e Prêmio Cultura Inglesa de melhor atriz. Trabalhou com Bia Lessa nas montagens de “Orlando”, de Virgínia Woolf (1989), “Viagem ao centro da terra”, de Júlio Verne (1993), e “PI- Panorâmica insana”, de André Sant’anna, Júlia Spadacchini e Jô Bilac (2018/2019). Em cinema, participou de vários filmes, como “Tieta”, de Cacá Diegues, “O que é isso, companheiro?”, de Bruno Barreto, “Guerra de Canudos”, de Sérgio Rezende, “Desafinados”, de Walter Lima Jr, “O homem do ano”, de José Henrique Fonseca, “O silêncio da chuva”, de Daniel Filho, entre outros. Em televisão, atuou em diversas novelas e séries, como “Barriga de aluguel”, “Anos Rebeldes”, “Celebridade”, “Cheias de charme”, “Desalma”, entre outras. Foi co-autora, roteirista e produtora da série infanto-juvenil “Valentins”, do canal Globo.



VIRGINIA estreou em julho/22 na cidade de São Paulo onde cumpriu a primeira temporada de sucesso, no Teatro do SESC 24 de maio (09/07 a 07/08). Em seguida participou da programação do Festival Teatro em Movimento, em Belo Horizonte, no Espaço Cultural UNIMED (13 e 14 de agosto/22). Em outubro/22 as apresentações aconteceram no Rio Grande do Sul, 04/10 no Teatro Mauá em Santa Cruz do Sul, 06/10 no Theatro Treze de Maio em Santa Maria, 08/10 e 09/10 no Theatro São Pedro em Porto Alegre. Em 21 de outubro/22 estreou no Rio de Janeiro, no Teatro XP, com o mesmo sucesso das temporadas anteriores, ficou em cartaz até 27 de novembro/22. Em fevereiro e março de 2023 VIRGINIA fez uma circulação por cidades do interior de São Paulo em parceria com o SESC SP, as apresentações aconteceram em Araraquara, Jundiaí, Ribeirão Preto, Campinas, São José do Rio Preto, Piracicaba e São José dos Campos. Ainda em 2023 cumpriu uma segunda temporada de apresentações na capital paulista, de 24/03 a 30/04 no TUCA – Teatro da PUC de São Paulo. Em seguida realizou apresentações em Fortaleza, Mossoró, Natal e Goiânia. Fechou o ano de 2023 em uma segunda temporada de apresentações no Rio de Janeiro, 20/10 a 26/11 no Teatro I Love PRIO. Em mais de um ano em cartaz a peça já foi vista por mais de 30.000 pessoas, tendo realizado 97 sessões.

CLIPPING IMPRESSO



O palco todo seu

Claudia Abreu atua em seu primeiro texto dramaturgico e mergulha nos momentos finais da autora Virginia Woolf

A atriz Claudia Abreu em um momento de preparação para a obra "Um Teto Todo Seu".

Claudia Abreu reencena o fim de Virginia Woolf

Escrito durante a pandemia, monólogo é primeiro texto dramaturgico da atriz, que se inspira em vida e obra da autora

Teté Ribeiro

SÃO PAULO Neste sábado, dia 9 de julho, feriado paulista que comemora a Revolução de 1932, a atriz carioca Claudia Abreu estreia "Virginia", primeiro monólogo de sua carreira e primeira peça escrita por ela, no Sesc 24 de Maio. O espetáculo, que tem uma hora de duração, se passa nos momentos finais da vida da escritora britânica Virginia Woolf, que, aos 59 anos, deixou um bilhete de despedida para o marido e a irmã, vestiu um casaco com os bolsos cheios de pedras e entrou no rio Ouse, perto de sua casa, onde morreu afogada. Seu corpo foi encontrado por um grupo de crianças três semanas depois.

"A peça se passa nos últimos instantes antes de ela morrer, naquele último ato de consciência. Quando ela relembra a vida, sem

ordem cronológica, pensa em tudo o que aconteceu para ela estar ali, com pedras nos bolsos, embalsamada", descreve a atriz. "É o inventário íntimo dela", resume. Virginia Woolf é considerada uma grande inovadora na escrita literária de língua inglesa, principalmente pelo uso do chamado fluxo de consciência, técnica que alterna o pensamento lógico com impressões pessoais momentâneas e associações de ideias. Ela não foi a criadora desse recurso literário, mas o usou com muito sucesso em seus livros de ficção. Os mais conhecidos de sua obra são "Mrs. Dalloway", de 1925, "Ao Farol", de 1927, "Orlando: Uma Biografia", de 1928, e a "As Ondas", de 1931.

Além disso, foi uma ensaísta e pensadora revolucionária, que questionava a condição feminina, as regras das famílias, as questões amorosas e a dificuldade de se criar uma obra sendo uma mulher. O nome de seu livro de ensaios mais conhecido, lançado em 1929, é um resumo do que a escritora acreditava ser fundamental para que uma mulher pudesse se dedicar a qualquer projeto artístico — "Um Teto Todo Seu".

Na verdade, a frase completa é "uma mulher precisa ter dinheiro e um teto todo seu, um espaço próprio, se quiser escrever ficção", Claudia Abreu, que tem 35 anos de uma carreira cheia de sucessos na TV, no cinema e no teatro, tem dinheiro, e foi com recursos próprios que bancou toda a produção deste espetáculo, desde a escrita do texto até a montagem que estreia neste sábado. "Não quis entrar na lei", diz, se referindo à Lei Rouanet,

de incentivo à cultura, alvo preferencial de bolsoristas. Mas ela não tem um teto todo para si. Aliás, a mulher do cineasta José Henrique Fonseca e mãe de quatro filhos, que têm hoje entre dez e 21 anos de idade, tem poucas oportunidades de ficar sozinha. E escreveu o monólogo durante a pandemia, que passou com a família entre Lisboa e uma casa na região serrana do Rio de Janeiro. "Tive que cavar espaços, escrever e improvisar em qualquer lugar, banheiros, terraço, onde desse. Eu gravava meus improvisos, depois transcrevia e transformava em dramaturgia", conta. "E gravava áudios de celular para mim mesma quando não queria esquecer uma ideia."

"As mulheres sempre são muito interrompidas, mesmo que estejam trancadas em um escritório. Toda hora vai alguém lá perguntar o que tem de almoço ou algo assim", contou a atriz, que participa ativamente do dia a dia dos quatro filhos, inclusive concentrando momentos para ficar a sós com cada um deles. "Eu adoro, levo, busco, faço questão de estar junto. É acho que nada é mais extraordinário do que ver uma pessoa se desenvolver, então estou atenta a tudo o tempo todo", afirma. "Claro que educar é muito difícil, ainda mais nos nossos tempos, mas ser mãe é a coisa que eu mais gosto de fazer".

Virginia Woolf, ou Adeline Virginia Stephen, na certidão de nascimento, não teve filhos. Filha de um editor, Leslie Stephen, frequentou desde cedo o universo literário, apesar de não ter tido uma educação formal, como era costume na época. Estudou com professores

particulares e tinha acesso à vasta biblioteca de seu pai. Sempre quis ser escritora. Seu primeiro artigo foi publicado no suplemento feminino do jornal britânico The Guardian, em janeiro de 1924, quando tinha 22 anos. No mês seguinte, seu pai morreu de câncer, o que provocou uma crise de depressão que se estendeu até o final daquele ano. Aos 30 anos, ela se casou com Leonard Woolf, com quem fundou a editora Hogarth Press, que revelou autores como T. S. Eliot. E foi depois de casada que publicou seu primeiro romance, "A Viagem", em 1925, no qual trabalhou por nove anos. Durante sua vida, teve pelo menos cinco episódios graves de crises mentais, que não foram diagnosticados. O primeiro aos 13 anos, quando sua mãe, Julia Stephen, morreu. No final da vida, começou a ouvir vozes quando entrava em crise. Menciona o fato em seu bilhete pré-suicídio, diz que sabe que elas vão voltar e que não aguentaria passar por mais um episódio.

Foi amante da escritora aristocrata Vita Sackville-West, que serviu de inspiração para o livro "Orlando: Uma Biografia", em que o personagem principal vive uma mulher no meio da trama, sem nenhuma explicação. Vários de seus livros já foram adaptados para o cinema — "Orlando", com Tilda Swinton, em 1992, "Mrs. Dalloway", com Vanessa Redgrave, em 1997, e sua vida inspirou o longa metragem "As Horas", de 2002, que rendeu o Oscar de melhor atriz para Nicole Kidman, que interpreta a escritora britânica. E seu nome está no título de um filme que não tem nada a ver com

sua obra, mas é incrível. "Quem Tem Medo de Virginia Woolf", de 1966, com Elizabeth Taylor e Richard Burton. O universo sombrio de Virginia Woolf parece contrastar com a presença leve e solar de Claudia Abreu. Mas a atriz conta que, quando voltou a ler a autora, depois de sua primeira gravidez, sentiu uma forte identificação. "Sabe esses encontros que você tem na literatura, ou com um ator, ou um filme, que parece que falam diretamente com você? Às vezes era um detalhe, uma frase, mas falava muito sobre mim sem que eu mesma conseguisse expressar", ela diz. Então, foi atrás de biografias, dos diários, das memórias de Woolf. "Ela me acendeu vários fogos, e o primeiro deles foi a vontade de escrever, de botar a minha voz, de dar a minha opinião através dessa obra", conta. "Mas também não queria abrir mão dessa personagem, porque o que mais me interessa é o ser humano. Então teve um casamento desses dois desejos." Neste fim de semana, Claudia Abreu estreia como dramaturga, atriz de monólogo e também escritora. A versão em livro da peça será lançada na mesma data pela editora Nós, que publicou vários livros de Virginia Woolf no Brasil, que estarão à venda no saguão do teatro. "Não precisa conhecer nada de Virginia Woolf para entender a peça. Mas, se eu despertar no espectador a vontade de ler a obra dela, estará ali, no alcance de todo mundo."

Virginia
Sesc 24 de Maio - r. 24 de Maio, 105, São Paulo. Qui. asex, às 20h, sáb e dom., às 18h. Os sáb (9) e 7 de agosto de 1912 e 1940. 12 anos

Claudia Abreu devora palco ao se equilibrar à beira do abismo

ANÁLISE

Vivian Masutti

Da surra que Laura levou da mocinha Maria Clara, papel de Malu Mader, num banheiro em cena da novela "Celebridade", de 2004, guarde só a feição desfigurada de Claudia Abreu, de 51 anos, que vivia na pele dessa personagem uma das maiores vilãs da teledramaturgia. De lá para cá, nada que a atriz tenha feito lembra ao menos um pouco o seu trabalho mais recente, que a artista estreou no último final de semana no palco do Sesc 24 de Maio, o monólogo "Virginia".

No sábado, os presentes na primeira sessão aguardaram 30 minutos de atraso por problemas técnicos, que por fim retiraram de cena um fundo preto, o que aumentou o tamanho destinado à performance da atriz. E, com seu 1,64 metro, Abreu teria preenchido muito mais, alternando pranto, devaneio, sonho, dança, uma ou duas gargalhadas e diversos trechos de total colapso mental.

Seu primeiro texto de dramaturgia tem como ponto de partida os últimos momentos de vida da escritora Virginia Woolf, que se matou enfiando pedras nos bolsos e entrando no rio Ouse, no Reino Unido.

Só nesse palco preto, eventualmente preenchido por luzes, a atriz se põe, por trás do barulho de água, a tentar explicar por que está ali. Ela leva um vestido branco rasgado e, com semblante transfigurado, começa a botar para fora lembranças por meio de um fluxo de consciência frenético, característica tão marcante da escritora britânica que dá nome a essa peça.

Autora de clássicos como "Mrs. Dalloway" e "O Quarto de Jacob", Woolf compartilhou com James Joyce e William Faulkner as marcas de um estilo onírico que rompia com as tradições literárias num ambiente que sucedeu a Primeira Guerra Mundial.

Por isso, "Virginia" é tão melhor para o público que chegar à plateia do Sesc 24 de Maio já com conhecimento prévio.

Porque é a partir dessa mes-

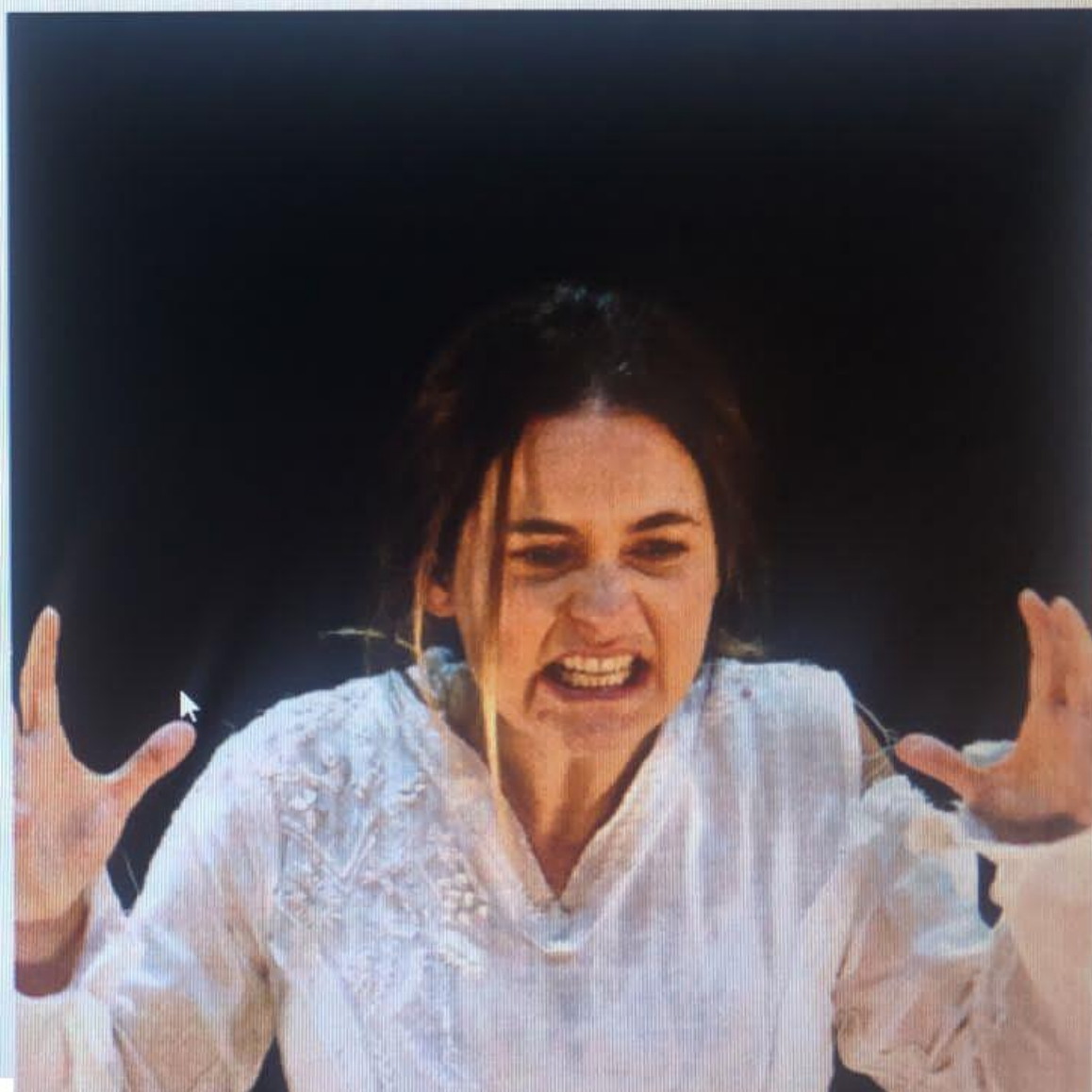
ma técnica, que alterna raciocínio lógico com impressões momentâneas e processos de associação de ideias, que a atriz conta a vida repleta de tragédias e surtos mentais que teve Virginia Woolf.

Da morte da mãe ao assédio que sofreu de um dos irmãos, chegando à figura autoritária do pai, a escritora buscou na literatura o refúgio para acalmar a mente. Mas o que conseguiu foi, com a ajuda do marido, de quem herdou o sobrenome, transferir para papel as aflições de uma mulher que nunca se encaixou nas normas sociais.

Enquanto se agiganta à beira do abismo e se perde em lembranças sem ordem cronológica, se emprestando ainda a outros personagens, Claudia Abreu vai devorando seu público, que se deixa levar pela loucura, chegando junto com a atriz a um novo momento de colapso.

Virginia

Sesc 24 de Maio - r. 24 de Maio, 109, São Paulo. Qui. e sex., às 20h; sáb. e dom., às 18h. Até 7 de agosto. De R\$ 12 a R\$ 40. 12 anos



Teatro & Artes

Obra de Virginia Woolf inspira monólogo sobre a dor da criação

Claudia Abreu é autora e intérprete de 'Virgínia', peça que faz um inventário íntimo da vida da escritora inglesa

DEBORA BRAGA

A escritora inglesa Virginia Woolf finalmente encontrou a paz para seu espírito inquieto no dia 28 de março de 1941, quando carregou os livros de prateleira e se atirou no Rio Ouse, em sua região entre East Sussex e Kent, na Inglaterra, local de casarão campo no qual morava com Leonard, seu marido. Equivocadamente momentos cruciais vividos pela artista, cuja obra alterna as bases estruturais da prosa romanesca de sua época, que inspirou a atriz Claudia Abreu a escrever e interpretar Virginia, monólogo que estreia neste sábado, 9, no Sesc 24 de Maio.

"Era uma mulher vibrante, com muitas complicações e uma obra magnífica, que foi construída em meio a tanto desequilíbrio mental, tragédias pessoais e problemas na vida", conta Claudia, que primeiro se aproximou de Virginia Woolf quando atrou em Orlando, montagem assinada por Rita Lessa, em 1999. Ela estava com 18 anos e não foi até que se sentiu tão tocada pela obra da inglesa, que se aproximou dela em 2014, quando recebeu a indicação de uma professora de literatura.

ENCANTO: Foi um alívio encontrar "Conheci a lei e obter as principais obras de Virginia, clássicos como Mrs Dalloway, Ao Farol e As Ondas. Também pesquisei suas diálias, sua biografia, o que me permitiu a elaborar melhor a estruturação de fluxo de consciência, que marcou sua vida e sua literatura", conta a atriz. A monólogo percorre os momentos mais importantes da vida da escritora, que viveu entre os séculos, que sempre existiram presentes em sua mente.

Os primeiros contatos da obra surgiram no final de 2019, quando Claudia estava envolvida no novo espetáculo dirigido por Rita Lessa, *15 - Avenida*, no teatro, porque trabalhava na sua direção. "Eu sempre fui muito observante, mas só descobri um pouco pessoal... foi quando percebi que Virginia Woolf". A escritora aproximou-se da criação da obra de maneira diferente, "foi uma pessoa abaga,



1

Com a experiência de quem já realizou um texto de ficção literária e o roteiro da série *Intemperismo* exibida no lado de Rêgina Lima e Silva, entre março e abril, Claudia, que teve aulas de literatura, optou pelo monólogo para melhor apresentar o fluxo de consciência. "Foi uma opção natural no processo, pois todas as vezes eu cito dentro dela. Eu nunca quis estar sozinha, sempre gostei do jogo cênico com outros colegas, mas a personagem me impedia a não ser", afirma ela, que fez uma série de improvisações, especialmente no período da pandemia.

Processo
Durante a pandemia, Claudia criou o monólogo entre improvisações ao diretor Amir Haddad

Nessa época, já dispunha a montar a peça, Claudia trouxe ideias com o diretor Amir Haddad, com quem travou diversas conversas via Zoom. "Ele incentiva o ator a ser o autor de sua escrita cênica, isso foi fundamental em todo o processo. O ator é um ser da oralidade, a maior parte do texto foi escrita a partir do que eu improvisava de maneira espontânea e depois organizava como dramaturgia", comenta a atriz, que também contou com a colaboração de Maitê Valde, a segunda etapa final do processo quando teve se reaproximou da obra.

VIDA: O termo conscientemente a medida que amadureceu como romancista, Virginia Woolf possui a aparência física responsável pela vida. Ela tem seus diários e romances, em precisas na descrição de lugares, além de revelar disposição para julgar os outros.

A obra é também o testemunho de alguma determinação em escrever não apenas com os olhos, mas com a mente, e descobre a verdade escondida pela aparência.

"Virginia descobre a condição da mulher e, ao sair dela, trata de temas atuais, justamente e contribui para me conectar ao mundo contemporâneo", conta Claudia, cuja interpretação é baseada na obra de Rita Lessa, que foi a primeira a interpretar a escritora. "Ela não foi uma mulher, mas uma mulher que viveu em um mundo diferente, que teve mudanças de narrativa: tudo está nos detalhes de sua criação."

Digestivo Cultural

SUGESTÕES

- Mais Recentes**
- >>> **Companhia de Teatro Hellópolis volta ao cartaz com Sutil Violento em 28 de julho**
- >>> **Infantil Os Lavadores de Histórias tem sessão grátis no Teatro Municipal de Botucatu**
- >>> **Avenida Paulista terá show com covers inesquecíveis em comemoração ao Dia do Rock**
- >>> **Exposição explora a fronteira entre arte e conhecimento**
- >>> **8 benefícios do teatro de bonecos para as crianças**
- * [clique para encaminhar](#)

COLONAS

- Mais Recentes**
- >>> **As fezes da esperança**
- >>> **Quem vem lá?**
- >>> **80 anos do Paul McCartney**
- >>> **Gramática da reprodução sexual: uma crônica**
- >>> **Sexo, cinema-verdade e Pasolini**
- >>> **O caniteiro de poesia de Adriano Menezes**
- >>> **As maravilhas do modo avião**
- >>> **A suite melancólica de Joan Brossa**
- >>> **Lá onde brotam grandes autores da literatura**
- >>> **Ser e feneceer: poesia de Maurício Arruda Mendonça**

Colunistas
[\(clique aqui\)](#)

BLOG

- Últimos Posts**
- >>> **Oye Como Va com Carlos e Cindy Blackman Santana**
- >>> **Villa candidato a deputado federal (2022)**
- >>> **A história do Mell, por Stello Tolda (2022)**
- >>> **Fabio Massari sobre Um Álbum Italiano**

PRESS-RELEASES >>> Encaminhar Release/Sugestão

Sexta-feira, 8/7/2022

Sesc 24 de Maio apresenta Claudia Abreu em seu primeiro solo sobre o universo de Virginia Woolf

Sesc 24 de Maio - Romeu Ubeda

[Curir 0](#)
[Tweet](#)
+ de 100 Acessos



Sesc 24 de Maio apresenta Claudia Abreu em seu primeiro solo com lançamento de livro sobre o universo de Virginia Woolf com temporada de 09/07 a 07/08 e direção de Amir Haddad. 'Virgínia' marca a estreia da atriz como autora teatral. Livro com o texto da peça será lançado no dia da estreia pela Editora Nós, que edita Virginia Woolf no Brasil Foto: Claudia Abreu no espetáculo 'Virgínia' | Crédito: Rogério Faissal Fotos em alta resolução: Clique aqui 'Virgínia' é o resultado dos vários atravessamentos que Virginia Woolf (1882-1941) provocou em Claudia Abreu ao longo de sua trajetória. A vida e a obra da autora inglesa são os motores de criação deste espetáculo, fruto de um longo processo de pesquisa e experimentação que durou mais de cinco anos. Primeiro monólogo da carreira da atriz, o solo – em cartaz a partir de 9 de julho no Sesc 24 de maio – marca ainda a sua estreia na dramaturgia e o retorno da parceria com Amir Haddad, que a dirigiu em 'Noite de Reis' (2007). [Saiba Mais](#)

Sesc 24 de Maio - Romeu Ubeda
8/7/2022 às 15h49

"Quem lê tanta notícia?"

palavrachave
busca | **avancada**
56044 visitas/dia
1,8 milhão/mês

QUEM SOMOS

Digestivo Cultural
Histórico
Quem faz

Conteúdo
[Quer anunciar no site?](#)
[Quer sugerir uma pauta?](#)

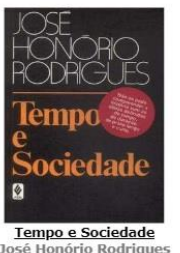
Comercial
[Quer anunciar no site?](#)
[Quer vender pelo site?](#)

Newsletter | Disparo
[seu e-mail aqui](#)

* [Twitter](#) e [Facebook](#)

LIVROS

Portal dos Livreadores



Tempo e Sociedade
José Honório Rodrigues
Vozes (1986)



Cláudia Abreu: 'É importante fortalecer movimentos feministas', diz atriz, que leva Virginia Woolf ao teatro

No primeiro monólogo de sua carreira, a atriz vivencia últimos momentos de vida da escritora

Por João Bernardo Caldeira - Para o Valor, de Rio

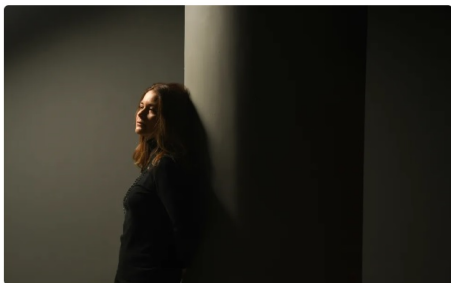


Foto: Claudio Torres, sem a cortina teatral e fundado em seu trabalho - Foto: Rogério Faissal/Divulgação

Em 28 de março de 1941, Virginia Woolf, uma das principais escritoras do século XX, vestiu seu casaco, encheu o bolso de pedras e suicidou-se no rio Ouse, nos arredores de sua casa, na Inglaterra. Nesse último de segundo embalo da água, aos 59 anos, antes de desfalecer, é que se passa o espetáculo teatral 'Virgínia', estreia de Claudia Abreu como autora teatral, neste sábado, no Sesc 24 de Maio, em São Paulo, onde fica até 7 de agosto. No primeiro monólogo de sua carreira, a atriz vivencia esse filme que passa na cabeça minutos antes do fim, um último suspiro de memórias e personagens, entre delírio, realidade e ficção.

Tal como na emblemática obra da escritora inglesa de clássicos como 'Mrs. Dalloway', 'Orlando' e 'Ao farol', a atriz optou por recriar uma estrutura dramática baseada no fluxo da consciência, que marcou a escrita também de autores como William Faulkner e James Joyce. "Ouvimos esse fluxo de pensamentos da Virginia, atravessada por acontecimentos e pessoas marcantes de sua vida e obra", diz Claudia.

TETÉ RIBEIRO
7 de julho de 2022



SÃO PAULO, SP, 05.07.2022 - A atriz Cláudia Abreu, que interpreta Virginia Woolf em monólogo, no Sesc 24 de Maio. (Foto: Karime Xavier/Folhapress)

SÃO PAULO, SP (FOLHAPRESS) - Neste sábado, dia 9 de julho, feriado paulista que comemora a Revolução de 1932, a atriz carioca Cláudia Abreu estreia "Virginia", primeiro monólogo de sua carreira e primeira peça escrita por ela, no Sesc 24 de Maio.

O espetáculo, que tem uma hora de duração, se passa nos momentos finais da vida da escritora britânica Virginia Woolf, que, aos 59 anos, deixou um bilhete de despedida para o marido e a irmã, vestiu um casaco com os bolsos cheios de pedras e entrou no rio Ouse, perto de sua casa, onde morreu afogada. Seu corpo foi encontrado por um grupo de crianças três semanas depois.

"A peça se passa nos últimos instantes antes de ela morrer, naquele último átimo de consciência. Quando ela relembra a vida, sem ordem cronológica, pensa em tudo o que aconteceu para ela estar ali, com pedras nos bolsos, embaixo d'água", conta a atriz. "É o inventário íntimo dela."



Fotos: Divulgação/ Rogério Faissal, Patko Henriques e José Henrique Fonseca

Cláudia Abreu estreia monólogo sobre Virgínia Woolf com recursos próprios e vê 'campanha macabra contra artistas'

por Gabriela Piva 9 de julho de 2022 3 minutos de leitura



Um dos rostos mais conhecidos da televisão, com uma carreira de sucessos também no cinema e teatro, [Cláudia Abreu](#) sobe ao palco do Sesc 24 de Maio neste sábado (9) para estreiar seu primeiro monólogo e também seu primeiro texto como autora. "[Virginia](#)", se inspira nas últimas horas de vida de Virginia Woolf (1882-1941), escritora que revolucionou a literatura e os costumes de sua época antes de se matar, aos 59 anos.

Para dar vida à peça, escrita durante a pandemia, Cláudia decidiu bancar a produção do próprio bolso, sem recorrer a editais ou à Lei Rouanet. "Houve essa campanha macabra de marginalizar todos os artistas como se fossem uma grande parte de uma mesma quadrilha de magnatas, como se todo mundo fosse ladrão porque usa a [Lei Rouanet](#)", explicou ela em conversa por vídeo com o GLMRM.

A lei, que [permite que pessoas físicas e jurídicas financiem artes](#) por meio de isenção fiscal, sempre deu certo, segundo a atriz. "Se algumas pessoas abusaram dela, não diz respeito ao todo. Como não queria ter nenhum desgaste, preferi produzir minha peça com recursos próprios", completou.

PUBLICIDADE

AVAILABLE NOW

FRANCK MULLER BOUTIQUE
Cidade Jardim Shopping

Revista **SP AVANÇADA** Arte • Cultura • Estrangeirismo

ARTES VISUAIS TEATRO CINEMA ZIGUEZAGUE DVD

EDITOR: Edgar Olimpio de Souza (edolimpio@uol.com.br)

Home > Teatro > Críticas > Teatro: Virginia

Teatro: Virginia

Criado em Sexta, 22 Julho 2022 21:21
Escrito por Edgar Olimpio de Souza
Acesso: 2115

O palco vazio parece bordar um mundo impalpável e combatido. Na pele da escritora inglesa Virginia Woolf (1882-1941), Cláudia Abreu caminha pelo ambiente vazio envergando um vestido branco. Sua expressão é sobrecarregada e, de repente, ensaia movimentos de quem acabou de submergir. Em meio ao barulho de águas perfuradas pelo corpo prestes a perder de vez os sentidos, pensa a conjurar um conjunto de lembranças, reflexões, visões.

Escrita pela atriz, e dirigida com emoção limpa e simplicidade por Amir Haddad (codireção Malu Valle), o monólogo começa envolvente. O público é instado a emergir na mente de uma mulher que, aos 59 anos, fustigada por mais uma crise mental, encheu de pedras os bolsos do seu casaco e se atirou no rio próximo de sua casa de campo, onde morava com o marido editor - seu cadáver foi descoberto três semanas depois por grupo de crianças. Antes da trágica decisão, ela havia deixado uma carta para sua irmã e outra para o compartimento.

Para dar conta do multifacetado inventário pessoal da artista, Cláudia leu os seus diários e ensaios e revisitou as suas principais obras, como Mrs. Dalloway (1925), Ao Faro (1927) e As Ondas (1931). Multida desse pulsante substrato emocional, construiu uma dramaturgia comovente, de recurso humano e não literário, que foge a romancista de uma instante simbólico, aquele momento de segundos anterior ao fim. Talvez tenha se inspirado no princípio de que a proximidade da morte pode suscitar uma montagem da vida, de onde emergem as passagens mais significativas de uma existência. Ao longo de quase uma hora, habita a criação atormentada por seus fantasmas interiores, que nunca se apósta às normas e convenções sociais e se refugia na literatura. Valendo-se do dispositivo narrativo do fluxo de consciência, que marcou o estilo literário de Virginia Woolf, ela se embrenha sem medo nas memórias atemporais de personagem - os pensamentos, sensações, ideias, dúvidas e questionamentos fluem sem pausas e pontuações.

Com lente de aumento, o vai e vem emocional conduz para o centro aspectos da existência atribuída da ensaísta. A angústia que viveu como jovem após a morte da mãe, o assédio sexual sofrido do meio-irmão, os colapsos mentais nunca diagnosticados e o estigma daí decorrente, a impossibilidade de frequentar a escola, a convivência com o pai autoritário e a irmã portadora de problemas mentais, a assimetria conjugal, a situação no círculo de intelectuais, o ímpeto feminista, e inclinação bissexual - ela foi amante da aristocrata poetisa inglesa Vita Sackville-West. Aos poucos, a peça vai compondo uma poderosa meditação sobre a condição feminina, desdobrando ainda a questão de como a loucura não necessariamente se contrapõe à lucidez.

A direção estabeleceu para a atriz uma performance realizada, que oscila do despojamento de gestos, à modulação vocal e aos movimentos detalhados, estes escutados por Marcos Rubin. Sem camuflagem a mão, os sentimentos são transfigurados em cena e atingem plena comunicação artística. Dona de recursos expressivos, que impulsionam o texto e concedem credibilidade ao conflito existencial, Cláudia pega de cada palavra sua essência. Réplica a mesma inventividade de origem literária, ao se apropriar do universo cheio de nuances da autora. Eventualmente a tensão subjacente é atenuada em sequências em que se entrega à leveza da dança. Capturada, a plateia testemunha um trabalho rigoroso, de contornos delicados e de visível teatralidade.

Como a estrutura narrativa abre-se para a polifonia, o recurso permite a instauração de uma dialética em que se pula da fala de um para o discurso de outro, logo sucedido pela direção e sua substituição por um quarto. O coro tem o condão de desnudar as inquietações e as reações de cada um, os pontos de intersecção entre eles, de como um espelha o outro em diferentes ângulos, como se fosse uma música dissonante em vários tons. A mudança sutil de narrador transcorre sem que seja preciso demarcar-las com linhas pesadas. A força da peça, que jamais perde a voltagem e o interesse, está em seu enfoque decididamente humano. Ao mesmo tempo em que amargou a consciência de viver num tempo e espaço dominados pela beligerância e masculinidade, Virginia Woolf revelou admirável capacidade de transcendência.

(Edgar Olimpio de Souza - edolimpio@uol.com.br)
(Foto Rogério Faissal)

Avaliação: Ótimo

Virginia

Texto e interpretação: Cláudia Abreu

Direção: Amir Haddad

Codireção: Malu Valle

Estreou: 09/07/2022

Sesc 24 de Maio (Rua 24 de Maio, 109, Centro) Quinta e sexta, 20h; sábado e domingo, 18h. Ingresso: R\$ 12 a R\$ 40. Em cartaz até 7 de agosto.



SÁBADO E DOMINGO,
1º E 2 DE OUTUBRO DE 2022

VIVE CLÁUDIA VIRGINIA ABREU WOOLF

PRESTES A COMPLETAR 52 ANOS E A SUBIR NO PALCO CENTENÁRIO COM O MONÓLOGO ESCRITO E ESTRELADO POR ELA, A ATRIZ CONVERSOU COM A MIX E FALOU, COM EMPOLGAÇÃO, DOS 35 ANOS DE CARREIRA E DE NOVOS DESAFIOS

Páginas 4 a 6



FLÁVIA CANAVARRO

Cultura

O MERGULHO

DE CLÁUDIA ABREU NO UNIVERSO DE VIRGINIA WOOLF



MIRELLA JOELS
mirella.joels@diariom.com.br

Com a experiência de 35 anos de carreira em televisão, cinema e teatro, e atuações memoráveis em telenovelas e séries, como em *Barriga de Aluguel* (1990), *Anos Rebeldes* (1992), *Celebridade* (2003), *Belíssima* (2005) e *Cheias de Charme* (2012) no currículo, a atriz, e agora escritora, Cláudia Abreu, retorna aos palcos gatinhos de maneira especial. Na próxima quinta-feira, 6 de outubro, ela estreia no centenário Theatro Treze de Maio, com o monólogo estrelado e escrito por ela, *Virginia*, inspirado na vida e na obra da escritora inglesa Virginia Woolf (1882-1941). Antes disso, em 4 de outubro, ela se apresenta em Santa Cruz do Sul, e, depois da passagem pelo Coração do Rio Grande, segue para Porto Alegre, onde receberá o aplauso dos gatinhos nos dias 8 e 9.

O primeiro contato de Cláudia com a autora dos clássicos *Mrs Dalloway*, *Ao Farol* e *As Ondas* ocorreu aos 18 anos. Entretanto, somente em 2016, após a indicação de uma professora de literatura, a atriz reencontrou o universo da pensadora britânica e mergulhou de cabeça nas leituras e releituras de livros, biografias e diários. Ao resgatar essa memória, a vontade de escrever sobre Virginia falou mais alto.

– Eu me apaixonei por ela novamente. Fiquei fascinada ao perceber como uma pessoa conseguiu construir esta obra brilhante com tanto desequilíbrio, tragédias pessoais e problemas que teve na vida. Como ela conseguiu reunir os cacos? – questiona a atriz, que enxerga *Virginia* também como um marco de maturidade na trajetória que construiu.

A estrutura do texto se apoia no recurso mais característico da literatura da escritora: a alternância de fluxos de consciência, capaz de “dar corpo” às vozes reais ou fictícias, sempre presentes na mente dela.

– O texto também vem deste desejo de fazer algo que me toca, do que me interessa falar hoje. De falar do ser humano, sobre o que fazemos com as dores da existência, sobre as incertezas na criação artística, e também falar da condição da mulher ontem e hoje. Não poderia fazer uma personagem tão profunda sem a vivência pessoal e teatral que tenho hoje – avalia.

O OLHAR DO DIRETOR

Virginia já passou por temporadas de sucesso nas cidades de São Paulo e Belo Horizonte, é o primeiro monólogo da carreira da atriz, e já está indicado a três categorias do Prêmio Cenyn de Teatro. A vida e a obra da autora inglesa são os motores da criação do espetáculo, fruto de um processo de pesquisa de mais de 5 anos, que marca a estreia de Cláudia na dramaturgia e o retorno da parceria com Amir Haddad, diretor de *Noite de Reis* (1997). O projeto conta com a codireção de Malu Valle, que chegou no processo quando Amir se recuperava da covid-19, e contribuiu com um olhar feminino.

– Ela começou a fazer teatro comigo praticamente há 20 anos, com Shakespeare. A minha relação com ela sempre foi muito boa, cordial, fértil. Tenho a sensação de que estou sempre trabalhando com ela. Durante dois anos, investigamos a vida da Virginia Woolf para produzir o texto e fazer o que ela tá fazendo. É muito poderosa a nossa relação e tem frutos poderosos, suculentos – resume Amir.

A dramaturgia de *Virginia* foi concebida como inventário íntimo da vida da autora. Em seus últimos momentos, ela rememora acontecimentos marcantes na vida, a paixão pelo conhecimento, os momentos felizes com os queridos amigos do grupo intelectual de Bloomsbury, entre outros.

– Nunca estivemos em Santa Maria. É uma coisa que dá um sabor especial ao espetáculo. A viagem ao trabalhar, ir em lugares que você não conhece, plateias que você desconhece. Eu gostaria muito de estar aí com ela, conhecer o povo, a região, a gastronomia. Eu gosto de conhecer a comida da região – explica o diretor.

Agende-se

- **O que** – Espetáculo Virginia
- **Onde** – Theatro Treze de Maio
- **Quando** – 6 de outubro, quinta-feira, 20h
- **Quanto** – Ingressos de R\$60 (meia-entrada), R\$100 (solidária) e R\$120.



Arte&Agenda

TEATRO

Vida de Virginia Woolf no palco

Claudia Abreu apresenta em Porto Alegre neste sábado (21h) e domingo (18h), o espetáculo “Virginia”, no Theatro São Pedro, que é o resultado dos vários atravessamentos que Virginia Woolf (1882-1941) provocou em Claudia Abreu ao longo de sua trajetória. A vida e a obra da autora inglesa são os motores de criação deste espetáculo, fruto de um longo processo de pesquisa e experimentação que durou mais de cinco anos. Primeiro monólogo da carreira da atriz, o solo marca ainda a sua estreia na dramaturgia e o retorno da parceria com Amir Haddad, que a dirigiu em ‘Noite de Reis’ (1997). O projeto conta com a codireção de Malu Valle.

‘Eu me apaixonei por ela novamente. Fiquei fascinada ao perceber como uma pessoa conseguiu construir esta obra brilhante com tanto desequilíbrio, tragédias pessoais e problemas que teve na vida. Como ela conseguiu reunir os cacos?’, questiona a atriz, que vê ‘Virginia’ como marco de maturidade em sua trajetória. Ingressos: theatro.sao-pedro.eleventickets.com.

INFORME ESPECIAL

Com Raíssa de Avila | raissa.avila@gruporbs.com.br

**JULIANA BUBLITZ**informe.especial@zerohora.com.br
Instagram @ju_bublitz Twitter @jubublitz**Cláudia Abreu volta aos palcos do RS**

Com 35 anos de carreira e personagens que marcaram a TV brasileira, Cláudia Abreu volta aos palcos gaúchos no próximo dia 4, com uma turnê pelo Rio Grande do Sul. Na bagagem, a atriz traz o espetáculo *Virginia*, inspirado na escritora inglesa Virginia Woolf (1882-1941).

Primeiro monólogo de Cláudia, a montagem é fruto de mais de cinco anos de pesquisas e marca a estreia da artista como dramaturga.

– O texto vem do desejo de fazer algo que me toca, de falar do ser humano, do que fazemos com as dores da existência – diz a atriz.

As apresentações começam por Santa Cruz do Sul, no dia 4, passam por Santa Maria, dia 6, e terminam em Porto Alegre, no Theatro São Pedro, nos dias 8 e 9 de outubro. Mais detalhes no site sympla.com.br.

**INFORME ESPECIAL**

Com Raíssa de Avila | raissa.avila@gruporbs.com.br

**JULIANA BUBLITZ**informe.especial@zerohora.com.br
Instagram @ju_bublitz Twitter @jubublitz**A arte salva**

Que grande atriz é Cláudia Abreu. No palco do Theatro São Pedro, no último final de semana, ela apresentou o espetáculo *Virginia*, inspirado na vida e na obra de Virginia Woolf, e encantou pela entrega. Ao final, aplaudida de pé, falou da emoção de voltar a um dos mais importantes palcos do Brasil. E concluiu:

– A arte salva.

“VIVO ABERTA À MUDANÇA”

Aos 36 anos de carreira, Claudia Abreu, 52, coleciona personagens inesquecíveis. Ainda hoje, há quem a chame de Clara, de *Barriga de Aluguel* (1990), de Princesa Juliette, de *Que Rei Sou Eu?* (1989), de Heloisa, de *Anos Rebeldes* (1993), ou de Laura, de *Celebridade* (2002). Mas a preferida do público surgiu em *Cheias de Charme* (2012). “A Chayene é das mais populares. Tanto que sempre pedem para retomarmos a trama”, diz a atriz, contando que, depois de uma recente foto daquele elenco reunido viralizar, as redes se agitam com a possibilidade de a história ter continuidade, podendo virar filme ou série. “Existe esse desejo, mas não sabemos ainda se será realizado”, fala. De certo tem o longa *Terapia Vingativa*, que deve estreiar no ano que vem, um roteiro que ela está escrevendo para o cinema, e agora ela aterrissa no palco do Teatro XP Investimentos com a peça *Virginia*, baseada na biografia da escritora inglesa Virginia Woolf (1882-1941). Além do desafio de estar sozinha em cena pela primeira vez em um monólogo, esse é seu primeiro texto teatral, escrito durante a pandemia, quando aproveitou para passar uma temporada morando em Portugal com a família e cursar pós-graduação on-line em artes cênicas na PUC-Rio. Mãe de quatro filhos entre 10 e 21 anos, Claudia está hoje rodando o Brasil com o espetáculo e passa por uma revolução no plano pessoal — ela se separou do diretor José Henrique Fonseca, com quem foi casada por 25 anos. “Seremos melhores amigos para sempre”, diz em uma franca entrevista que concedeu à VEJA RIO.

Depois de tanto tempo no ofício de atriz, já se vê e se apresenta como roteirista e dramaturga? Ainda não. Eu escrevi duas temporadas de uma série (*Valentins*), uma peça (*Virginia*) e estou trabalhando em um roteiro de cinema, mas a verdade é que ainda me sinto uma novata nesse papel.

O que aprendeu com Virginia Woolf, a quem dá vida no palco? Que excesso de lucidez é o que chamam de loucura e que ser normal é fazer parte da boiada e não questionar nada. Lendo os textos dela, percebemos também que a condição feminina não mudou tanto assim. Os vários tipos de opressão às mulheres permanecem, infelizmente, um tema atual.

A vida de artista mudou muito nessas quase quatro décadas de carreira? Mudou. E diria que o primeiro impacto veio da internet. Depois, na era das redes sociais, perdemos muito no

terreno da liberdade individual, e o valor artístico passou a ser medido de outra forma: o que conta não é só o talento, mas também o número de seguidores nas redes. Eu, pessoalmente, não entro nessa maluquice.

Não gosta de se expor? Já somos expostos demais dentro do trabalho, em cena, quando reproduzimos a realidade e as emoções. Então, quando não estou atuando, não faço questão de estar na mídia. Não preciso dar opinião sobre tudo.

Como lida com as redes sociais? Não tinha nenhuma relação com as redes, nada, mas comecei a me sentir fora do meu tempo. Aí criei um perfil fechado no Instagram. Depois me aconselharam a fazer um oficial, e vi que é muito legal, uma

“Na era das redes sociais, o valor artístico passou a ser medido de outra forma: o que conta não é só o talento, mas também o número de seguidores. Não entro nessa maluquice”



comunicação direta, sem filtro, desde que você não viole os seus valores por número de seguidores. Agora, não preciso postar fotos da minha casa, da minha família, eu acordando e dormindo ou indo à praia. A internet não pode virar um vale-tudo.

A discrição atrapalha em algum grau sua carreira? É mais interessante que o público saiba pouco sobre a minha vida. Assim preservo um mistério. Quero que sintam saudade de mim, não quero que se cansem. O espectador tem que acreditar na personagem sem pensar nas informações que sabe sobre mim. Isso só prejudica que ele embarque na ficção.

Você tem vontade de atuar até o máximo de idade que puder? Eu não tenho necessidade de estar o tempo inteiro em cena, mas também acho que isso me salva. Ficção é muito bom, faz você sair um pouco da sua vida, dos seus problemas, te faz pensar em questões profundas que não são as suas. Você nunca sai a mesma pessoa de uma personagem, sempre tem aprendizado.

Mesmo evitando a exposição, circulou a notícia de sua separação do diretor José Henrique Fonseca. Como está enfrentando a reviravolta? A gente passou 25 anos felizes juntos, realizamos sonhos, tivemos quatro filhos, fizemos uma produtora, mas a vida é movimento. Passei metade dela com ele, mas estar viva é estar aberta às mudanças. Seremos melhores amigos para sempre.

Como tem sido se ver sozinha novamente? Não saberia responder a isso. Ainda é muito recente.

A maternidade a renovou? Sem dúvida. É um amor avassalador. Além disso, lá em casa são quatro pessoas completamente distintas. Acabo sendo uma mãe diferente para cada um dos quatro. Filhos abrem uma janela para você poder renovar o seu olhar, aprender tudo de novo e rever conceitos e preconceitos.

Qual a diferença de educar uma criança no início dos anos 2000, quando sua filha mais velha nasceu, e nos dias de hoje? A internet, para mim, é o maior dos desafios, porque ela abrevia a infância e a inocência. Mas não há como ignorar sua existência. Sempre resisti à proibição, que gera curiosidade e estimula a transgressão. Dou liberdade a meus filhos de uma forma vigiada e com muita conversa.

Como vive a passagem do tempo? Procuo me cuidar, mas sem paranoias, para manter um rosto que preserve a credibilidade e me permita fazer personagens da minha idade. Descubri que o importante mesmo é gostar de si mesma. ■

MARIA FORTUNA

mariafortuna@globonews.com.br

'APRENDI A ME LEVAR MENOS A SÉRIO'

CLÁUDIA ABREU, QUE ESTREIA NO RIO MONÓLOGO SOBRE VIRGINIA WOOLF, FALA DE NOVA FASE COMO AUTORA, MATURIDADE E SEPARAÇÃO APÓS 25 ANOS: 'ESPÉCIE DE RENASCIMENTO'

A peça, seu primeiro monólogo, não é apenas sua estreia como dramaturga: é o projeto de sua vida. Cacau, como é chamada pelos amigos, já havia se aventurado a escrever "Valentins", série infantil de TV produzida pela Zola Filmes, da qual é sócia. Mas "Virginia" a fez encançar de vez a porta como criadora. Tanto que já prepara o roteiro de um filme sobre mãe e filha em um universo queer.

Ter colocado "Virginia" de pé provocou na atriz um sentimento transformador — além da felicidade de vol-

tar ao teatro e rever plateias no pós-pandemia. Foi a sensação poderosa de ter vencido obstáculos impostos por si mesma.

— É preciso tomar coragem para realizar nossos sonhos — diz Cláudia. — Muitas vezes, a gente acha que não é capaz, que não é o momento ou não está preparada. Ficar buscando desculpas externas para não se colocar à prova é mais fácil. O que me deixou satisfeita é que me propus a correr o risco.

Para alguém que construiu a trajetória com traba-

lhos em turma, não foi fácil pensar que estaria sozinha no palco pela primeira vez. Às vésperas das apresentações em São Paulo, o medo soprou em seu ouvido: "Meu Deus, meu primeiro texto, primeiro monólogo, porque me meti nisso?". Ela rebateu a insegurança com firmeza: "Já valeu a pena, porque não me acovardei, cheguei até aqui. Se o público não se interessar, pelo menos, tentei".

Se a carreira iniciada na adolescência impôs compromissos, responsabilidades e atitude madura para lidar com a fa-

ta muito prazer na maternidade. — Poderia ficar sendo mãe o resto da vida que já era válido a pena.

Os ingressos esgotados para a temporada paulista, além das apresentações lotadas em Minas Gerais e no Sul do país, serviram de termômetro para medir o interesse do público. A vontade da plateia em debater assuntos abordados no palco — como a opressão femi-

ni — trouxe a certeza de que o espetáculo bateu.

Se "Virginia" bateu nos espetadores foi porque já tinha mexido profundamente com a atriz. O interesse de exercitar uma escrita que navegasse por uma mente livre fez Cacau buscar a obra da autora, marcada pelos fluxos de consciência. Ela já havia encenado "Orlando", sob direção de Bia Lessa, aos 18 anos. Mas o mergulho nos livros, diários e memórias da inglesa provocou identificação imediata.

— Fiquei louca com a forma como ela conseguia descrever sensações que já tive, mas não fui capaz de pôr em palavras. Era como se Virginia me conhecesse. Também fiquei fascinada por ela ter construído uma obra brilhante em meio a tanto desequilíbrio e tragédias pessoais. — destaca. — Meu texto veio do desejo de falar do ser humano, do que fazemos com as dores da existência, sobre as incertezas da criação artística e da condição da mulher.

Condição, ressalta Cláudia, repleta de questões tão antigas quanto atuais: — A gente não evoluiu tanto. A mulher pode votar, trabalhar fora, se separar, mas estamos falando de uma parte, né? Continuamos ainda sendo interrompidas e ganhando menos. Sem falar que os sonhos da mulher ainda são os primeiros a serem colocados de lado.

— Trouxe a certeza de que o espetáculo bateu.

Se "Virginia" bateu nos espetadores foi porque já tinha mexido profundamente com a atriz. O interesse de exercitar uma escrita que navegasse por uma mente livre fez Cacau buscar a obra da autora, marcada pelos fluxos de consciência. Ela já havia encenado "Orlando", sob direção de Bia Lessa, aos 18 anos. Mas o mergulho nos livros, diários e memórias da inglesa provocou identificação imediata.

— Fiquei louca com a forma como ela conseguia descrever sensações que já tive, mas não fui capaz de pôr em palavras. Era como se Virginia me conhecesse. Também fiquei fascinada por ela ter construído uma obra brilhante em meio a tanto desequilíbrio e tragédias pessoais. — destaca. — Meu texto veio do desejo de falar do ser humano, do que fazemos com as dores da existência, sobre as incertezas da criação artística e da condição da mulher.

'O QUE É SER NORMAL? JÁ TEMOS MUITOS LIMITES, TENHAMOS A MENTE LIVRE'

CONTINUAÇÃO DA CAPA

'O QUE É SER NORMAL? JÁ TEMOS MUITOS LIMITES, TENHAMOS A MENTE LIVRE'

O que se passa na cabeça de um suicida nos minutos de consciência que antecedem sua morte? Essa pergunta sempre intrigou Cláudia Abreu. Ela construiu a dramaturgia da peça "Virginia", dirigida por Amir Haddad e codirigida por Malu Valle, como um inventário íntimo da vida da autora, que encheu de pedras os bolsos do casaco e se matou afogada no Rio Ouse, na Inglaterra, em 1941.

"Então é assim que se morre..." diz a personagem na frase que abre o espetáculo. Refletir sobre a linha tênue entre sanidade e loucura tem sido prática recorrente

CLÁUDIA ABREU TEM INVESTIGADO A NATUREZA HUMANA EM SEUS PROJETOS, EXPLORANDO A LINHA ENTRE SANIDADE E LOUCURA

nos projetos recentes de Cacau. Começou em "Panorâmica insana", peça que encenou em 2019, sob direção de Bia Lessa, e levantava discussões sobre pessoas à margem da sociedade.

— O que é ser normal? Se submeter a regras e convenções? Às vezes, a pessoa só não se encaixa. Já temos muitos limite na vida. Social, ético, das próprias travas. Tenhamos, pelo menos, a mente livre — provoca a atriz. — Ninguém sabe o que pensamos. Podemos viajar, criar, se abrir para o novo. Se ficarmos fechados nos próprios dogmas, só reproduziremos o que já vivemos e não nos renovamos.

O papo filosófico vem de uma mulher ávida por investigar a natureza humana. Um interesse que surgiu quando Cacau tinha 30 anos e já havia construído uma carreira sólida como

Cláudia Abreu: 'É preciso tomar coragem para realizar nossos sonhos', diz atriz sobre estreia como autora de peça

SEGUNDO CADERNO

O GLOBO

Irineu Marinho (1876-1925) — (1904-2003) Roberto Marinho

DIÁRIO JORNAL DE NOTÍCIAS, 23 DE OUTUBRO DE 2022 ANO XXIV Nº 32.567 - PREÇO DESE EXEMPLAR NO RJ - R\$ 5,00 2ª EDIÇÃO



1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004

1198 0208 0004



Liberdade.

"Tenho procurado viver sem medo, com o frescor da curiosidade", diz Cacau, como é chamada pelos amigos

DE CLÁUDIA PARA BIANCAS, FABIANES, CRISTIANES...



EDUARDO GRACA/AGÊNCIA O GLOBO

So o espectador fechar os olhos por alguns dos 60 minutos de espetáculo, terá certeza de que "Virginia", primeira peça escrita por Cláudia Abreu e inspirada na obra e vida de uma das maiores artistas do século XX, Virginia Woolf, trata de questões desgraçadamente cotidianas às mulheres sentadas nas poltronas no lado. Misoginia, assédio moral, discriminação intelectual, violência psicológica, estupro e interferência masculina em decisões referentes à maternidade e ao prazer feminino fazem parte do inventário de vida feito pela escritora inglesa imediatamente antes de seu suicídio, tal qual imaginado pelo atriz e agora dramaturgo, após rigorosa pesquisa.

PLATEIA SE EMOCIONA COM CONFLITOS DA ESCRITORA VIRGINIA WOOLF EM MONÓLOGO QUE MARCA A ESTREIA DE CLÁUDIA ABREU COMO DRAMATURGA

— Sai da peça pensando: será que Virginia Woolf estava lá frente de seu tempo ou não é que avançamos vagarosamente demais? — pergunta a universitária Bianca Carocelli, de 23 anos, na saída do Sesc 24 de Maio, em São Paulo.

O questionamento de Bianca tem razão de ser. No palco, os muitos personagens (entre eles a mãe Julia Shepherd, o marido Leonidas e a amante Vita Sacville-West) que habitam morto, corpo e vida da atriz cartesa de 51 anos oferecem retrato nada caricatural de Virginia Woolf e seu entorno.

Aos 59 anos, a escritora e editora escreveu um bilhete de despedida para o marido e a irmã, encheu de pedras os bolsos de seu casaco

ensaiática e memorialística, tão ou mais revolucionária, decididamente feminista. Revival que ganhou novo capítulo com o reencontro de Cláudia com a escritora. Aos 18 anos, a atriz encenou a celebrada adaptação de "Olando" de Bia Lessa.

QUEBRAR BARREIRAS
No Sesc 24 de Maio, um dos momentos mais citados pelo público de "Virginia" é o que trata da ainda jovem escritora decidida a conquistar o pai intelectual — e o passaporte de entrada para uma elite cultural segregadamente masculina — em seu métier: "Tudo o que abuso, que nos remeteram a episódios públicos recentes gravíssimos. Mas atual, impossível — diz Cristiane.

Virginia Woolf os relatou em "Um esboço do passado", que começou a escrever quatro meses antes do suicídio, publicado no Brasil pela primeira vez há dois anos com, elogiada tradução de Ana Carolina Mesquita pela Nôz, que esta semana lançou "Virginia" (um inventário íntimo)"; a integra do texto original de Cláudia Abreu. A peça inclui o estupro da escritora por dois irmãos por parte de mãe, um deles 18 anos mais velho. Woolf jamais superou a dor e o trauma.

— Ela me perguntou se poderia ler a peça pra mim por vídeo chamada, estava morando em Portugal. Além de minha paixão por Virginia, era fã da atriz que deu vida à Heloísa de "Amor rebelde", é claro que disse sim, né? — conta a editora. — É foi extraordinário, o texto era maduro e surpreendente. Eu me comovi e me espantei com a coragem dela, de incorporar todos aqueles personagens em cena. Cláudia estudou literatura, se formou em filosofia, lê tudo de piracaniense. É uma mulher inteligenteíssima que passa longe de qualquer estereótipo da celebridade superficial. Era incapaz de publicar e livro.

As três últimas apresentações de "Virginia" na capital paulista, até o próximo domingo, estarão em episódios e com fila de espera. O monólogo segue para Belo Horizonte, nos dias 12 e 13 de agosto, e Santa Maria, Gramado e Porto Alegre (RS) em outubro, antes da temporada carioca, ainda sem data e local definidos.

— Conversemos muito sobre esse meu desejo. Ele dizia "preciso achar meus livros da Virginia pra te dar". É uma pena que Rubem não tenha a opinião dele (o autor de "Feliz Ano Novo" morreu em 2020, aos 94 anos). Sinto insensatamente. Mas ele está comigo, no palco inclusive. Se escrevo, também devo insuflá-lo — diz.

A atriz é casada com o cineasta José Henrique Fonseca, com quem tem quatro filhos. As duas mais velhas puderam ver a mulher-moduladora de Cláudia. Maria, 24 anos, acompanhou o ensaio aberto de "Virginia" que a mãe fez para o grupo 7 à na Rua de Amã Haddad, diretor da peça, e para os atores da CAL e de graduação e pós, que Cláudia cursou em Artes Cênicas da PUC

— Ela diz que gostou muito". E Felipa, 15, viu um ensaio no site da família. — Estava angustiada, tinha incluído mais vozes, e fiz pra ela e pro Zé na sala de casa. Felipa disse: "Entendi tudo, mas como vai ser na hora de você trocar o personagem? Ainda não havia o desenho corporal (de Maria Rullo). E sabe que, às vezes, estou no palco com um flaxo antigo? Por exemplo o avô, James, que vivia em outra versão

— Quería entender a intenção. Mas a peça vem da sensação de que Virginia me conhece. Quer ela lendo quem ali, afinal? Bons espetáculos emocionam a plateia. Mas talvez não sejam aqueles que desaguam para saquinhos, bares, lareira. No Sesc, Cláudia assistiu e conversou com o público. As pessoas querem saber sua obra favorita da inglesa ("As Ondas"), debater a mulher atual, as dores da criação e da existência, a ponte que ela estabelece na peça entre Virginia e Orléa, a personagem que enlouquece em um certo "Hamlet". Muitos repetem a pergunta que remete à saúde mental de Virginia: "Como não enlouquecer?"

— Como? Com tanta desigualdade, com tanta injustiça e agressividade. É de enlouquecer quem mais sofre e também quem tem alguma compaixão e consciência de que não está certo de que não pode ser assim — diz a atriz.

Sua "Virginia", também desafia o público a repensar o que é, afinal, ser "normal". — Amo Bob Esponja, coisa de quem tem quatro filhos. Tem um episódio genial em que ele decide que quer ser normal e fica com uma "cara de pasta". O desenho todo. Ser normal é participar da boiate? Não arriscar, ser completamente previsível? Falar o que todos querem ouvir? Se sim, esse normal interessa? A quem? Aos fascistas? (Eduarda Gross)

— Ela diz que gostou muito". E Felipa, 15, viu um ensaio no site da família. — Estava angustiada, tinha incluído mais vozes, e fiz pra ela e pro Zé na sala de casa. Felipa disse: "Entendi tudo, mas como vai ser na hora de você trocar o personagem? Ainda não havia o desenho corporal (de Maria Rullo). E sabe que, às vezes, estou no palco com um flaxo antigo? Por exemplo o avô, James, que vivia em outra versão

— Quería entender a intenção. Mas a peça vem da sensação de que Virginia me conhece. Quer ela lendo quem ali, afinal? Bons espetáculos emocionam a plateia. Mas talvez não sejam aqueles que desaguam para saquinhos, bares, lareira. No Sesc, Cláudia assistiu e conversou com o público. As pessoas querem saber sua obra favorita da inglesa ("As Ondas"), debater a mulher atual, as dores da criação e da existência, a ponte que ela estabelece na peça entre Virginia e Orléa, a personagem que enlouquece em um certo "Hamlet". Muitos repetem a pergunta que remete à saúde mental de Virginia: "Como não enlouquecer?"

CONTINUAÇÃO DA CAPA

'SE ESCREVO, TAMBÉM DEVO ISSO AO RUBEM'

A primeira dedicatória de "Virginia", o livro, é a Rubem Fonseca, mestre do conto e do romance e sogro de Cláudia Abreu, que sempre disse a ela "que escrever faz bem, sobretudo a quem escreve".

— Conversemos muito sobre esse meu desejo. Ele dizia "preciso achar meus livros da Virginia pra te dar". É uma pena que Rubem não tenha a opinião dele (o autor de "Feliz Ano Novo" morreu em 2020, aos 94 anos). Sinto insensatamente. Mas ele está comigo, no palco inclusive. Se escrevo, também devo insuflá-lo — diz.

A atriz é casada com o cineasta José Henrique Fonseca, com quem tem quatro filhos. As duas mais velhas puderam ver a mulher-moduladora de Cláudia. Maria, 24 anos, acompanhou o ensaio aberto de "Virginia" que a mãe fez para o grupo 7 à na Rua de Amã Haddad, diretor da peça, e para os atores da CAL e de graduação e pós, que Cláudia cursou em Artes Cênicas da PUC

— Ela diz que gostou muito". E Felipa, 15, viu um ensaio no site da família. — Estava angustiada, tinha incluído mais vozes, e fiz pra ela e pro Zé na sala de casa. Felipa disse: "Entendi tudo, mas como vai ser na hora de você trocar o personagem? Ainda não havia o desenho corporal (de Maria Rullo). E sabe que, às vezes, estou no palco com um flaxo antigo? Por exemplo o avô, James, que vivia em outra versão

— Quería entender a intenção. Mas a peça vem da sensação de que Virginia me conhece. Quer ela lendo quem ali, afinal? Bons espetáculos emocionam a plateia. Mas talvez não sejam aqueles que desaguam para saquinhos, bares, lareira. No Sesc, Cláudia assistiu e conversou com o público. As pessoas querem saber sua obra favorita da inglesa ("As Ondas"), debater a mulher atual, as dores da criação e da existência, a ponte que ela estabelece na peça entre Virginia e Orléa, a personagem que enlouquece em um certo "Hamlet". Muitos repetem a pergunta que remete à saúde mental de Virginia: "Como não enlouquecer?"

— Como? Com tanta desigualdade, com tanta injustiça e agressividade. É de enlouquecer quem mais sofre e também quem tem alguma compaixão e consciência de que não está certo de que não pode ser assim — diz a atriz.

Sua "Virginia", também desafia o público a repensar o que é, afinal, ser "normal". — Amo Bob Esponja, coisa de quem tem quatro filhos. Tem um episódio genial em que ele decide que quer ser normal e fica com uma "cara de pasta". O desenho todo. Ser normal é participar da boiate? Não arriscar, ser completamente previsível? Falar o que todos querem ouvir? Se sim, esse normal interessa? A quem? Aos fascistas? (Eduarda Gross)

— Ela diz que gostou muito". E Felipa, 15, viu um ensaio no site da família. — Estava angustiada, tinha incluído mais vozes, e fiz pra ela e pro Zé na sala de casa. Felipa disse: "Entendi tudo, mas como vai ser na hora de você trocar o personagem? Ainda não havia o desenho corporal (de Maria Rullo). E sabe que, às vezes, estou no palco com um flaxo antigo? Por exemplo o avô, James, que vivia em outra versão

— Quería entender a intenção. Mas a peça vem da sensação de que Virginia me conhece. Quer ela lendo quem ali, afinal? Bons espetáculos emocionam a plateia. Mas talvez não sejam aqueles que desaguam para saquinhos, bares, lareira. No Sesc, Cláudia assistiu e conversou com o público. As pessoas querem saber sua obra favorita da inglesa ("As Ondas"), debater a mulher atual, as dores da criação e da existência, a ponte que ela estabelece na peça entre Virginia e Orléa, a personagem que enlouquece em um certo "Hamlet". Muitos repetem a pergunta que remete à saúde mental de Virginia: "Como não enlouquecer?"

CONTINUAÇÃO DA CAPA

'SE ESCREVO, TAMBÉM DEVO ISSO AO RUBEM'

A primeira dedicatória de "Virginia", o livro, é a Rubem Fonseca, mestre do conto e do romance e sogro de Cláudia Abreu, que sempre disse a ela "que escrever faz bem, sobretudo a quem escreve".

— Conversemos muito sobre esse meu desejo. Ele dizia "preciso achar meus livros da Virginia pra te dar". É uma pena que Rubem não tenha a opinião dele (o autor de "Feliz Ano Novo" morreu em 2020, aos 94 anos). Sinto insensatamente. Mas ele está comigo, no palco inclusive. Se escrevo, também devo insuflá-lo — diz.

A atriz é casada com o cineasta José Henrique Fonseca, com quem tem quatro filhos. As duas mais velhas puderam ver a mulher-moduladora de Cláudia. Maria, 24 anos, acompanhou o ensaio aberto de "Virginia" que a mãe fez para o grupo 7 à na Rua de Amã Haddad, diretor da peça, e para os atores da CAL e de graduação e pós, que Cláudia cursou em Artes Cênicas da PUC

— Ela diz que gostou muito". E Felipa, 15, viu um ensaio no site da família. — Estava angustiada, tinha incluído mais vozes, e fiz pra ela e pro Zé na sala de casa. Felipa disse: "Entendi tudo, mas como vai ser na hora de você trocar o personagem? Ainda não havia o desenho corporal (de Maria Rullo). E sabe que, às vezes, estou no palco com um flaxo antigo? Por exemplo o avô, James, que vivia em outra versão

— Quería entender a intenção. Mas a peça vem da sensação de que Virginia me conhece. Quer ela lendo quem ali, afinal? Bons espetáculos emocionam a plateia. Mas talvez não sejam aqueles que desaguam para saquinhos, bares, lareira. No Sesc, Cláudia assistiu e conversou com o público. As pessoas querem saber sua obra favorita da inglesa ("As Ondas"), debater a mulher atual, as dores da criação e da existência, a ponte que ela estabelece na peça entre Virginia e Orléa, a personagem que enlouquece em um certo "Hamlet". Muitos repetem a pergunta que remete à saúde mental de Virginia: "Como não enlouquecer?"

— Como? Com tanta desigualdade, com tanta injustiça e agressividade. É de enlouquecer quem mais sofre e também quem tem alguma compaixão e consciência de que não está certo de que não pode ser assim — diz a atriz.

Sua "Virginia", também desafia o público a repensar o que é, afinal, ser "normal". — Amo Bob Esponja, coisa de quem tem quatro filhos. Tem um episódio genial em que ele decide que quer ser normal e fica com uma "cara de pasta". O desenho todo. Ser normal é participar da boiate? Não arriscar, ser completamente previsível? Falar o que todos querem ouvir? Se sim, esse normal interessa? A quem? Aos fascistas? (Eduarda Gross)

— Ela diz que gostou muito". E Felipa, 15, viu um ensaio no site da família. — Estava angustiada, tinha incluído mais vozes, e fiz pra ela e pro Zé na sala de casa. Felipa disse: "Entendi tudo, mas como vai ser na hora de você trocar o personagem? Ainda não havia o desenho corporal (de Maria Rullo). E sabe que, às vezes, estou no palco com um flaxo antigo? Por exemplo o avô, James, que vivia em outra versão

— Quería entender a intenção. Mas a peça vem da sensação de que Virginia me conhece. Quer ela lendo quem ali, afinal? Bons espetáculos emocionam a plateia. Mas talvez não sejam aqueles que desaguam para saquinhos, bares, lareira. No Sesc, Cláudia assistiu e conversou com o público. As pessoas querem saber sua obra favorita da inglesa ("As Ondas"), debater a mulher atual, as dores da criação e da existência, a ponte que ela estabelece na peça entre Virginia e Orléa, a personagem que enlouquece em um certo "Hamlet". Muitos repetem a pergunta que remete à saúde mental de Virginia: "Como não enlouquecer?"



PATRICIA KOGUT

Clara Arruda Lima Santiago, Thyago Rodrigues, Gabriel Menezes e Gilda Costa
Apresentado por
Teatro XP Investimentos



Laços de amizade

Reynaldo Gianecchini e Carolina Dieckmann, colegas de elenco em "Laços de família", estavam na plateia de "Virginia", monólogo de Cláudia Abreu, no Teatro XP Investimentos, no Rio

TRECHO DE 'VIRGINIA (UM INVENTÁRIO ÍNTIMO); DE CLÁUDIA ABREU
VIRGINIA: E a minha mãe, que na juventude teve tantos encontros em relação à vida, que de tão bela chegou a posar para pintores pré-rafaelitas, faleceu no equívoco aos 43 anos. Aquela mulher, o quanto ela poderia ter realizado com todo o seu entusiasmo, com a força de trabalho que tinha, ela podia ter feito tanto, tanto!

JULIA: É claro que eu tinha o orgulho de ter construído uma grande família. Mas não me realizei pessoalmente. Vocês podem dizer "Ah, você foi uma mulher típica de sua época". E é esse o ponto, as mulheres sempre foram menosprezadas, invisíveis.

VIRGINIA: "O anjo do lar". Eu escrevi sobre isso. Na literatura as mulheres tinham destaque, eram descritas como fortes. Nos países, em Shakespeare... Mas até pouco tempo, a vida cotidiana da mulher, a mulher comum, não tinha relevância nos livros, muito menos nos desejos, seus sonhos. Era como se isso não importasse. Já a figura do homem, a figura da espelha tinha o dobro de seu tamanho natural. Era assim que queriam ser vistos pelas mulheres. A vida não foi justa, potencial e a grandeza da minha mãe. O que eu sou eu devo a ela. Ela me realizou, sim, até hoje, sim. Porque ela é a minha tripação, sempre esteve aqui comigo, mesmo que nem sempre de maneira tranquila para mim. Escrever me libertou da dor da ausência dela, da sua voz que falava no meu ouvido e ainda desde a sua morte. 58 assim consegui expurgar grande parte das minhas vivências em família. Eu nunca pude frequentar a escola. As mulheres não tinham esse direito. Alá, em muitos lugares, elas não têm esse direito hoje (...)

TERRAÇO PAULISTANO

Humberto Abdo



Sessões lotadas:
monólogo passou por
várias cidades do Brasil

BOB WOLFENSON/ENLIGACÃO

CENAS FINAIS

A partir desta sexta (24), **Claudia Abreu**, 52, retorna aos palcos paulistanos com os últimos minutos de vida de Virginia Woolf (1882-1941), pouco antes de a escritora britânica encher os bolsos de pedras e se afogar no Rio Ouse. A nova temporada de *Virginia*, no Tuca até o fim de abril, é consequência do sucesso do monólogo que lotou plateias no Rio, em Belo Horizonte e em cidades do sul do país e do interior de São Paulo. Para a atriz carioca, seu retorno à capital é muito diferente de quando estreou. "Eu não poderia passar por essa peça impunemente. A solidão que experimento nela, seja no camarim, seja enquanto ouço o burburinho do público na rotunda, me ensinou muito", diz. "Em Belo Horizonte eu tinha duas apresentações e decidimos marcar uma sessão extra com apenas duas horas de intervalo. Só deu tempo de retocar o rosto, secar o suor, comer uma banana e entrar. Foi maravilhoso, mas quase tive que sair do teatro de mão", brinca. Prestes a pousar em São Paulo, ela diz estar animada não só para rever o público paulistano, que "tem gosto pelo teatro", mas também para aproveitar a efervescência cultural da cidade. "Já estou pensando onde vou parar para comer depois da peça."

Colaborou Júlia Rodrigues

Agenda
Cultural
São Paulo

O que fazer em SP – Eventos ▾ Adicionar Evento Contato

DIREÇÃO
AMIR
HADDAD

CODIREÇÃO
MALU
VALLE

TEXTO
CLÁUDIA
ABREU

VIRGINIA
CLÁUDIA ABREU

CURTA TEMPORADA

Estreia **24/03**

Sextas **21h**
Sábados **20h**
Domingos **17h**

TUCA
Teatro da PUC-SP

Virginia no TUCA / PUC-SP

Virginia no TUCA / PUC-SP

Claudia Abreu estreia seu primeiro monólogo, que foi idealizado e escrito por ela a partir da vida e da obra de Virginia Woolf (1882-1941). Em cena, a atriz interpreta a genial escritora inglesa, cuja trajetória foi marcada por tragédias pessoais e uma linha tênue entre a lucidez e a loucura. A estrutura do texto se apoia no recurso mais característico da literatura da escritora: a alternância de fluxos de consciência, capaz de 'dar corpo' às vozes reais ou fictícias, sempre presentes em sua mente.

Comprar ingressos.

DATE

31 Mar 2023

TIME

21:00 - 22:00

LOCALIZAÇÃO

Tucarena / PUC-SP
Rua Barfira esquina c/ R. Monte Alegre s/nº, São Paulo - São Paulo

CATEGORIAS

- > Eventos ao Fim de Semana
- > O que fazer à Noite em SP
- > Teatro e Espetáculos

Ingresso



Direto da Fonte
Gilberto Amendola gilberto.amendola@estadao.com

MARCELA PAES | MARCELA.PAES@ESTADAO.COM

PAULA BONELLI | PAULA.BONELLI@ESTADAO.COM

SOFIA PATSCH | SOFIA.PATSCH@ESTADAO.COM

No Café. Cláudia Abreu

‘Ainda há muito o que se resolver na relação entre homem e mulher’

Cláudia Abreu orgulha-se de uma conquista: seu espetáculo *Virginia* completou 60 apresentações desde a estreia, em julho do ano passado. “Minha satisfação é por ser meu primeiro monólogo em cena e também meu primeiro texto teatral”, conta ela, que estará em cartaz até 30 de abril no teatro Tuca, em São Paulo.

A peça é o resultado de muita pesquisa e reflexão sobre a escritora inglesa Virginia Woolf (1882-1941), cuja obra alterou as bases estruturais da prosa romanesca de sua época. Dona de um estilo inovador, Virginia construiu uma escrita brilhante em meio a uma vida marcada por desequilíbrio mental, tragédias pessoais e vários problemas. A literatura, portanto, funcionou como uma válvula de escape, na qual o fluxo de consciência marca os diálogos e as tramas.

Foi essa pluralidade de vozes que inspirou Cláudia a escrever o monólogo, que começa no exato instante em que Virginia afunda no Rio Ouse, graças às pedras colocadas nos bolsos de seu casaco, consumando enfim o suicídio há muito desejado. “É nesse instante que ela ouve vozes familiares, fazendo um retrospecto de sua vida”, conta Cláudia em conversa com **Ubiratan Brasil**.

Desse longo convívio com Virginia Woolf, qual foi seu aprendizado?

Passé a refletir mais sobre condição mental e emocional de pessoas que saem da curva: elas logo se tornam um estigma. Quando se tem um problema físico, é normal buscar ajuda de um profissional. Mas, se o problema é mental, muitas vezes a pessoa se fecha e não procura auxílio, pois seria o mesmo que exibir uma falha. Parece que você é mais frágil, mais desequilibrado que os outros. Lembro de uma prima de meu avô que, por ser ‘diferente’, viveu anos escondida.

Mas a situação melhorou?

Sim, hoje felizmente se pensa de forma mais humana. Na peça, há uma fala importante da irmã de Virginia que traça esse limiar: “Até que ponto alguém é louco ou quase louco?”. Essa é uma reflexão constante da peça e a genialidade da obra literária de Virginia nasceu disso, de pensar constantemente sobre sua situação. Sua sensibilidade era tamanha e se reflete em seus livros, que traduzem bem sua consciência de sentir e pensar além. O excesso de lucidez sempre é visto como loucura. Para Virginia, a literatura foi sua salvação, pois refletia sobre sua condição, mas foi também o abismo marcado pelo suicídio.



Cláudia Abreu completou 60 apresentações de ‘Virginia’

“Quando se tem um problema físico, é normal buscar ajuda de um profissional. Mas, se o problema é mental, muitas vezes a pessoa se fecha e não procura auxílio, pois seria o mesmo que exibir uma falha”

“Na peça, há uma fala importante da irmã de Virginia que traça esse limiar: ‘Até que ponto alguém é louco ou quase louco?’”

Cláudia Abreu
 Atriz

Como seu texto dialoga com o da Virginia?

Pelo fluxo de consciência. Um dos motivos que a levaram ao suicídio foram as vozes que ela dizia ouvir senão parar. Na peça, o fluxo é formado por vozes que marcaram a vida dela e isso ajuda a contar sua história. E, quando deixo de falar como Virginia e assumo outro personagem, o presente se impõe. Tive essa percepção durante os ensaios, a montagem ficou dinâmica, mais forte. São muitas camadas de sentimentos

Você tem preferência por alguma obra dela?

Entre os romances, prefiro *As Ondas* por seu texto mais subjetivo, sem diálogos, com poten-

te força poética. Ela faz uma descrição muito profunda de sentimentos, tanto de si mesma como da realidade. São sensações muito íntimas, mas Virginia consegue traduzir em palavras com muita precisão. Parece que ela estava descrevendo o meu eu profundo. Muitas lembranças que perdi foram recuperadas a partir da leitura de seus textos. Virginia não deixa escapar nada.

E o que dizer da condição feminina?

Virginia foi uma das primeiras feministas, pois refletia sobre a condição da mulher. Ela poderia ter ficado paralisada diante da situação, como era normal na época, mas preferiu escrever, da mesma forma que fizeram Jane Austen e as irmãs Brönte. Virginia conseguiu dar voz para situações muito delicadas. Veja o romance *Orlando*, em que trata da transposição de gênero. Isso foi em 1928! Virginia pensou em falar do assunto de uma forma popular, uma atitude corajosa. Já em *Mrs. Dalloway*, ela escreve sobre o desejo feminino, refletindo sobre uma questão pessoal ao tratar da relação entre mulheres baseada em sua paixão pela também escritora Vita Sackville-West. Assumir seu desejo por meio da escrita é um ato de modernidade.

Mas a situação não mudou muito, não?

Infelizmente não alterou muito nos últimos 100 anos. Basta lembrar do tiro que Malala recebeu simplesmente por querer estudar. No Brasil, ainda há muito o que se resolver na relação entre homem e mulher. Lembro de uma frase de Simone Beauvoir, cujo sentido vale para diversas situações. Ela dizia: “Em uma guerra, a mulher é a primeira a perder seus direitos”, ou seja, é obrigada a abrir mão de seus sonhos. Isso ainda é muito atual. ●

DIVERSÃO

Claudia Abreu inicia segunda temporada do monólogo 'Virginia' no Rio: 'Foi uma lufada de novidade'

Peça marca a estreia da atriz como escritora teatral em seu primeiro solo: 'Me jogar sem rede de proteção'

SESSÃO EXTRA



Em cena na peça, a atriz vive nove mulheres

Cláudia Abreu detalha desafios de estar no palco sozinha em seu primeiro monólogo, 'Virginia', sobre autora pioneira do feminismo e do homoerotismo

MERGULHO PROFUNDO NUM RIO DE REFLEXÕES

Natara Andrade
natara.andrade@extra.globo.com

Virginia. Ao ler esse nome, qual famosa lhe vem à mente? Se a primeira em que você pensou foi a de sobrenome Fonseca, influenciadora que coleciona dezenas de milhões de seguidores nas redes sociais e de reais na conta bancária, passou longe da que tem feito a cabeça de Cláudia Abreu nos últimos tempos. Durante cinco anos, a atriz pesquisou a vida e a obra da conceituada autora inglesa Virginia Woolf (1882-1941), e a partir daí tudo o que compreendeu e sentiu com seus textos, montou o primeiro monólogo de sua carreira.

— 'Virginia' é fruto da identificação que eu tive com a literatura dela. Bateu fundo. Parecia que ela estava me lendo, e não que eu a lia. Muitos aspectos de sua vida têm a ver com todos os tempos. A situação da mulher na sociedade não mudou tanto em cem anos — observa Cláudia, que interpreta outros oito papéis no palco, além da personagem-título. — São as vozes da consciência, dos pensamentos de Virginia em seus últimos instantes de vida, enquanto afundava num rio, com os bolsos cheios de pedras, ao cometer suicídio.

Uma das pioneiras do feminismo e do homoerotismo, Virginia Woolf passou por tragédias pessoais.

— Para falar sobre a mãe dela, eu cito a opressão no casamento, porque ela morreu de esgotamento. Já Virginia sofreu abuso sexual dentro da família.

«Nunca me interessei por mulher, mas não teria preconceito. Acho que toda forma de amor vale a pena»

mília (por um meio-irmão) e sofreu de depressão. Ainda criança, não teve direito a estudar em escola, só os homens podiam na época. Ela se tornou intelectual porque resolveu ler a biblioteca do pai. E tem algo muito moderno dentro da história dela: sentia desejo por mulheres, ainda naquele início do século 20. O livro 'Orlando', ela escreveu para a amante — detalha a atriz, que, separada há um ano e questionada se assumiria seu amor por uma outra mulher, afirma: — Acho que toda forma de amor vale a pena. Nunca me interessei por uma,

mas eu não teria nenhum preconceito. Só não foi o meu desejo até então. Cláudia reforça que não quis escrever uma peça hermética, sofisticada, voltada apenas para os entendidos na obra da escritora britânica. O objetivo é atrair todas e todos.

— Eu optei por falar sobre a humanidade de Virginia. De como ela se tornou a mulher grandiosa que foi apesar dos sinais de loucura, das opressões, das privações... É um espetáculo.

«Tenho que honrar esse público que tem a TV aberta como única possibilidade de diversão»

lhamento para o público, independentemente da classe social de que faz parte. Tem gente que fica muito emocionada e vem conversar comigo ao fim da apresentação. Se sentem tocadas por algum ou vários dos temas abordados. Seja a saúde mental, o abuso, a opressão ou até porque foram salvas pela literatura. Em meio à pandemia de relax que vivemos, o teatro é um lugar importante para se estar. Por uma hora, deixar o celular de lado e falar sobre questões da existência. Isso para mim é transformador.

Aos 53 anos completados no último dia 12, Cláudia diz que o fato de estar sozinha no palco pela primeira vez a afastou da zona de conforto.

— Tive certa resistência em fazer um monólogo porque gosto de contar, adoro o jogo cênico, o camarim animado. Mas essa experiência tinha que ser radical. O momento da morte de Virginia é tão solitário, contando sua história em seus últimos instantes de consciência. — explica ela. — Escrever um texto meu sobre uma pessoa tão complexa e interpretá-lo sozinha, com recursos próprios, foi uma viagem de alto risco. Mas, a essa altura da minha vida, quero mais é correr riscos, né? Poder apresentar algo diferente para o público, e não o que já sei que dá certo e que não vai me provocar.

Público este que a acompanhou por 36 anos pela TV Globo, aplaudindo personagens icônicos de sua carreira, como a Chayene de 'Cheias de charme' (2012), a Vitória de 'Bellíssima' (2005) e a Laura de 'Celebidade', para citar apenas três. Longe das novelas desde 'A Lei do amor' (2016), ela conta que ter-

minou de gravar em São Paulo, no dia do seu aniversário, a série médica 'Sutura', do Amazon Prime Video, em que vive uma cirurgiã.

— No mesmo dia, voltei pro Rio, comemorei a nova idade com um jantar em casa e, na sequência, fui pra Bahia.

Aproveitei quatro dias lá e agora estou de volta para apresentar a peça. Eu gosto de viver bem — afirma Cláudia, dizendo-se aberta a convites para novelas: — Não é todo mundo que pode pagar pelo streaming. Tenho que honrar esse público que tem a TV aberta como única possibilidade de diversão. São pessoas que, porventura, não podem ir ao teatro, moram longe ou não têm dinheiro para o ingresso. Num país como o Brasil, é muito importante fazer novela, uma arte tão democrática.

Sempre vai ser.



'VIRGINIA'
Teatro I Love Prio, Jockey Club Brasileiro (Av. Bartolomeu Mitre 110, Leblon). Sex e sáb, às 20h; dom, às 19h. R\$ 90 (inteira), pelo sympla.com.br. Até 26 de novembro. 14 anos.

SESSÃO EXTRA

Sozinha com 9 mulheres

Cláudia Abreu brilha em monólogo sobre a vida da escritora Virginia Woolf em que faz diversos personagens e fala dos desafios de ser mulher. **PÁGINA 11**

Todo dia é dia de se divertir no Rio de Janeiro

ENTRE CARROS, NAVIO E AXÉ BAIANO

HOJE

GRÁTIS Vai ter conhecimento, mas também muita música. Hoje e amanhã, o 1º Festival da Ciência ocupa a Praça Mauá com estandes, oficinas, atividades e conversas, além de um palco com shows no fim de cada dia. Hoje tem Enzo Belmonte (18h), Pedro Miranda (19h45) e Carrossel de Emoções (21h30). Amanhã é a vez de Teresa Cristina (17h), Jards Macalé (19h), Zélia Duncan e Ana Costa (21h), encerrando com a Bateria da Mangueira (23h). *Qui e sex, a partir das 10h.*

AMANHÃ

Templo do carnaval carioca, a Praça da Apoteose vira território baiano no fim de semana, quando acontece a **Micareta Rio**, que terá trios elétricos, shows e festas. **Sex:** Claudia Lette com Gloria Groove e Alinne Rosa, e festa Oculto (a partir das 18h). **Sáb:** Ivete Sangalo com Pedro Sampaio e Babado Novo, e festa Joy. **Dom:** Daniela Mercury, que comemora 40 anos de carreira com participação de Luísa Sonza, mais Ivete Sangalo e os grupos Ilê Aiyê, Olodum e Didá, e festa Black. **Sex, a partir das 18h. Sáb e dom, a partir das 16h. De R\$ 220 (só festa, um dia) a R\$ 1.1780 (três dias). 18 anos.**

SÁBADO

Construído em 1924, o casarão histórico que abriga a Casa Maternal Mello Mattos, no Jardim Botânico, será aberto pela primeira vez ao

assina também a dramaturgia, apresenta o monólogo sobre a vida e a obra da escritora inglesa Virginia Woolf. **Sex e sáb, às 20h. Dom, às 19h. R\$ 90. 14 anos. Até 26 de novembro. Reestrea sexta.**

DOMINGO

GRÁTIS De sexta a domingo, o **Gitan Jazz Fest** embala a Praça Nossa Senhora da Paz, em Ipanema, com muita música, gastronomia e coquetelaria. No encerramento tem shows de Toni Garrido e da Banda Vitória Régia, com repertório em homenagem a Tim Maia. **Sex, a partir das 17h. Sáb e dom, a partir das 12h.**

SEGUNDA

GRÁTIS O navio mais bonito do mundo. É assim, sem falsa modéstia, que a embarcação escola italiana Amerigo Vespuccio se anuncia ao aportar em território carioca, no Pier Mauá. Durante três dias, o barco — que tem mais de cem metros de comprimento e está dando a volta ao mundo com uma tripulação de 264 militares — ficará aberto a visitação, sem necessidade de agendamento. **Seg, das 10h30h às 12h30 e das 16h30 às 19h30. Ter e qua, das 10h30h às 12h30 e das 14h30 às 19h30.**

TERÇA

Construído em 1924, o casarão histórico que abriga a Casa Maternal Mello Mattos, no Jardim Botânico, será aberto pela primeira vez ao



Folia. Daniela Mercury é uma das atrações da Micareta Rio, que ocupa a Marquês de Sapucaí



No mar. O navio italiano Amerigo Vespuccio aporta no Rio



'Virgínia'. Claudia Abreu reestrea peça sobre escritora

público. A partir desta quinta (19) e até o dia 26 de novembro, o local sedia a 20ª edição do **Morar Mais Rio**, evento de arquitetura com 40 ambientes decorados. O terreno, com 45 mil m², abriga ainda a primeira capela do estado, de 1603, Rua Faro 80. **Dom, ter a qui, das 12h às 20h. Sex e sáb, das 12h às 21h. R\$ 35 (ter) e R\$ 50 (qua a dom).**

QUARTA

GRÁTIS Acelerando de volta para o passado. Raridades automobilísticas, como o Rolls Royce Phantom III de 1937 e os modelos Hofstetter e Ferrari Testarossa são algumas das 150 preciosidades reunidas no **Village Classic Cars**, no centro de eventos do Villagem Mall, de 19 a 29 de outubro. Também estão expostos microcarros, motos, bicicletas e brinquedos antigos. **Seg a sáb, das 12h às 22h. Dom, das 12h às 20h.**



ANCELMO GOIS

Com Ana Cláudia Guimarães e Nelson Lima Neto
oglobo.globo.com/ancelmo E-mail: coluna.ancelmo@globo.com.br Fotos: folancelmo@globo.com.br



APONTE
O CELLULAR
PARA O QR CODE
E ACESSO O BLOG
DO COLUNISTA

BOB WOLFENSON



Os novos rumos de Cláudia Abreu

Cláudia Abreu, 52 anos, que deixou a TV Globo depois de 37 anos, está cheia de planos: “Penso que é um bom momento ter independência para poder ter novas experiências, ainda mais com o mercado de streaming tão aquecido”, diz. A atriz está gravando a série “Sutura”, para o Prime Vídeo, na qual interpreta uma cirurgiã famosa, adorada e temida, que passa por um trauma e tem dificuldades de voltar a atuar: “Mas sempre que tiver um bom convite, voltarei à Globo, com a qual sempre tive uma relação de liberdade, tanto no desejo de não renovação, quanto na escolha de projetos. Sempre fui muito bem tratada e tenho afeto por tudo o que vivi lá”.

Ela também fez um podcast de ficção para uma plataforma, que está entrando no Brasil: “É uma história incrível sobre um processo de transição de gênero dentro de uma família”.

Além disso, no dia 20, agora, no Teatro Prio, no Jockey Club, Cláudia reestrea a peça “Virgínia”. Trata-se de um texto que ela escreveu sobre a escritora britânica Virginia Wolf (1882-1941): “É muito bom poder subir no palco e falar o que você realmente quer dizer. É libertador”.

Maravilha!

Ana Cláudia Guimarães

veja Rio



MIGUEL PINTO GUIMARÃES E SERGIO CONDE CALDAS

Neu Matogrosso JORGE MOLL

XUXA GUILHERME GANDRA MOURA
Antonio Florencio de Queiroz Junior

CARIOCAS DO ANO

NASCIDAS AQUI OU ADOTADAS PELA CIDADE, QUINZE
PERSONALIDADES QUE FIZERAM HISTÓRIA EM 2023

Cláudia Abreu PRÉTA CI

ASSUNTOS EM DESTAQUE: Prêmio Comer & Beber Edição do mês Colunistas Grátis



ENTRAR | BUSCAR

veja Rio CIDADE GRÁTIS | BEIRA-MAR COLUMNISTAS | COMER & BEBER | PROGRAME-SE | CRIANÇAS

Beira-Mar


Cláudia Abreu conquista título de carioca do ano em teatro

Com o primeiro monólogo da carreira, a atriz arrebatou plateias pelo Brasil e orgulha-se de ter conquistado a liberdade de dizer — e fazer — o que quer

Por **Marcela Capobianco**
Atualizado em 19 dez 2023, 12h15 - Publicado em 15 dez 2023, 06h00



Cláudia Abreu: atriz arrebatou o público com o espetáculo *Virginia*, que marca sua estreia em monólogos e como dramaturga (Bob Wolfenson/Divulgação)

 Viver é uma selvageria. A frase seca e afiada é dita por **Cláudia Abreu** bem no início do monólogo *Virginia*, o primeiro de uma exitosa carreira de **37 anos de serviços prestados à arte**. Foi em plena pandemia que a atriz resolveu escrever para teatro, imaginando como teriam sido os minutos finais da vida da britânica **Virginia Woolf** (1882-1941). Incluiu no roteiro temas caros à escritora, como opressão, abuso, saúde mental e feminismo.

Enquanto criava a história, ia lendo, via Zoom, para o diretor **Amir Haddad**. “Eu tinha receio de subir ao palco sozinha. Imaginava que seria chato não ter ninguém para trocar em cena, mas a dramaturgia acabou exigindo esse trabalho solitário. Foi um risco alto, mas me impus o desafio”, conta ela, que bancou a produção do próprio bolso e, ao longo de 2023, lotou plateias no Rio, em São Paulo, no Sul e no Nordeste.